

OEIRAS EM REVISTA

Inverno . Winter '12 } nº 107

Propriedade do Município de Oeiras

Distribuição gratuita / Impressão 0,70€



ARTE
PÚBLICA,
A NOSSA
ARTE



Não há interior sem exterior

Face a esta escala de grandeza (em Oeiras) - que contabiliza uma percentagem de três esculturas por Km² - ao nível do que melhor se apura por toda a Europa - poder-se-ia pensar que hoje inauguraríamos “mais uma”. Não é verdade! E não é verdade porque, de todas as demais, esta será porventura, a que maior simbolismo encerra.

Isaltino Morais

aquando da inauguração dos Os Doutores da Igreja

There is no inside without an outside

Considering this vast scale (in Oeiras) - which has a percentage of three sculptures per Km² - amongst the best levels in Europe - one could think that today we were just inaugurating “one more”. That isn't true! And it isn't true because of all the sculptures this one perhaps incorporates the greatest symbolism of all.

Isaltino Morais

during the inauguration of “The Doctors of the Church”.

SUMÁRIO CONTENTS



FICHA TÉCNICA CREDITS

Director . Director
ISALTINO MORAIS

Direcção Executiva . Executive Directors
ELISABETE BRIGADEIRO

Editor . Editor
CARLA ROCHA

Textos . Texts
CARLA ROCHA
LUÍS MARIA BAPTISTA
ANA PAULA JARDIM
EDUARDO PITTA
NUNO CAMPILHO

Fotografia . Photos
ALBÉRICO ALVES
CARLOS SANTOS
CARMO MONTANHA
LUÍS MARIA BAPTISTA
JOÃO CERDEIRA
NELSON RODRIGUES

Execução . Produced by
GABINETE DE COMUNICAÇÃO
OEIRAS TOWN HALL MEDIA DEPARTMENT

Concepção gráfica e paginação . Design and pagination
FORMAS DO POSSÍVEL (www.formasdopossivel.com)

Tradução . Translation
ROOPANJALI ROY

Propriedade . Property of
MUNICÍPIO DE OEIRAS

Impressão . Printed by
SOGAPAL

Tiragem . Print run
20.000 Exemplares

Registo . Registration
ISSN 1646-5970

Depósito Legal . Legal deposit
86817/95

Distribuição Gratuita . Free Distribution

Contactos . Contacts
LARGO MARQUÊS DE POMBAL
2784-501 OEIRAS
TEL. 214 408 300
ELISABETE.BRIGADEIRO@CM-OEIRAS.PT
CROCHA@CM-OEIRAS.PT
WWW.CM-OEIRAS.PT



10

A DOIS . JUST THE TWO OF US



20

ENTRE NÓS . AMONG US



31

ESPECIAL . SPECIAL



77

ARTE DO SABOR . THE ART OF FLAVOUR

I
INEVITÁVEL
UNAVOIDABLE 04

D
A DOIS
JUST THE TWO OF US 10

E
ENTRE NÓS
AMONG US 20

E
ESPECIAL ARTE URBANA
URBAN ART SPECIAL 31

O
OEIRAS IMAGINÁRA
IMAGINARY OEIRAS 56

O
O NATAL VISTO PELOS
NOSSOS PEQUENOS ARTISTAS
CHRISTMAS SEEN
BY OUR YOUNG ARTISTS 62

C
CRÓNICA
COMMENT 71

I
INESQUECÍVEL
UNFORGETTABLE 72

C
CRÓNICA
COMMENT 76

A
ARTE DO SABOR
THE ART OF FLAVOUR 77



Oeiras em Revista galaradoada
com Grande Prémio APCE
Excelência em Comunicação

f **Siga-nos no Facebook!**
www.facebook.com/municipioeiras

i **Visualize-nos no Issuu**
http://issuu.com/municipiodeoiras



EDITORIAL

Inverno 2012 . Winter 2012

Cara, Caro Município,

Esta sua Oeiras Em Revista dá destaque a um tema que nos é particularmente querido, a arte urbana. Quando vivemos tempos difíceis como os que vivemos, é natural que as nossas atenções estejam viradas para aquilo que é mais primário e imediato, no que está na base da nossa pirâmide de necessidades. Devemos preocuparmo-nos connosco e com todos aqueles que estão à nossa volta e com quem nos cumpre ser solidários. Esse será, actualmente, o nosso foco essencial.

Mas devemos também ter a lucidez de perceber que há mais. Não se vencem as dificuldades de cabeça baixa, olhando para o chão. Não mudamos para melhor, nem com suspiros, nem com lamúrias. Não vencemos crise nenhuma com preconceitos, mesquinhices e invejas de paróquia (a que, aliás, nos dedicamos há demasiado tempo). É preciso coragem, força para enfrentar o imprevisível e o adverso, ser resiliente e ter a capacidade de ousar. Olhar para a frente e não baixar os braços são simples palavras. É uma atitude de vida.

E creio que essa tem sido e será a atitude de Oeiras. A responsabilidade que temos, sendo um concelho de referência no nosso país e que cada vez mais procura competir lá fora, é sobretudo essa. O desenvolvimento sustentado que podemos hoje ver, um pouco por todo o concelho, obriga-nos a lutar mais do que ninguém por sermos melhores e diferentes. Fazendo até o que outros não fazem e deviam fazer.

Podia dar o exemplo dos centros de saúde, dos centros geriátricos e dos lares de terceira idade que estamos a construir por nós próprios, mas, desta vez, gostaria de relevar especificamente a importância da arte urbana e o seu peso na qualificação do território. Podemos ver, nas páginas desta revista, o quanto a arte urbana tem sido apoiada e incentivada pela Câmara de Oeiras. Podemos também vê-lo, ao vivo, nas ruas do concelho, nas rotundas e nos parques, em muitos e muitos lugares que ficaram mais bonitos, mais apetecíveis e, obviamente, mais valorizados com ela.

A arte urbana não é, para nós, um luxo ou uma extravagância (como o é para os tais que continuam a olhar para baixo). É um factor objectivo de valorização humana e material. É também graças a ela que Oeiras se tornou num concelho com personalidade vincada e identidade forte. Muitos de fora dizem que entram no concelho e de imediato percebem que cá estão. E nós gostamos de cá estar, sentindo tantas e tantas vezes que o concelho gosta de nós. Não é por acaso, é porque temos arte nas nossas ruas. E é com ela que vamos atrair mais investimento, mais empresas que trarão mais emprego. Mais uma vez, não é por acaso que isso acontece.

É porque somos Oeiras. E porque é assim que Oeiras dá o exemplo e realiza Portugal.

ISALTINO MORAIS } Presidente da Câmara . Mayor

Dear Readers,

This issue of *Oeiras Em Revista* showcases a theme that is particularly close to our hearts – urban art.

When we experience difficult times such as the present period, it is but natural that our attention is focused on primary and immediate concerns, the basis of our pyramid of needs. We must take care of ourselves and of all those around us who need our solidarity. This is currently our core focus.

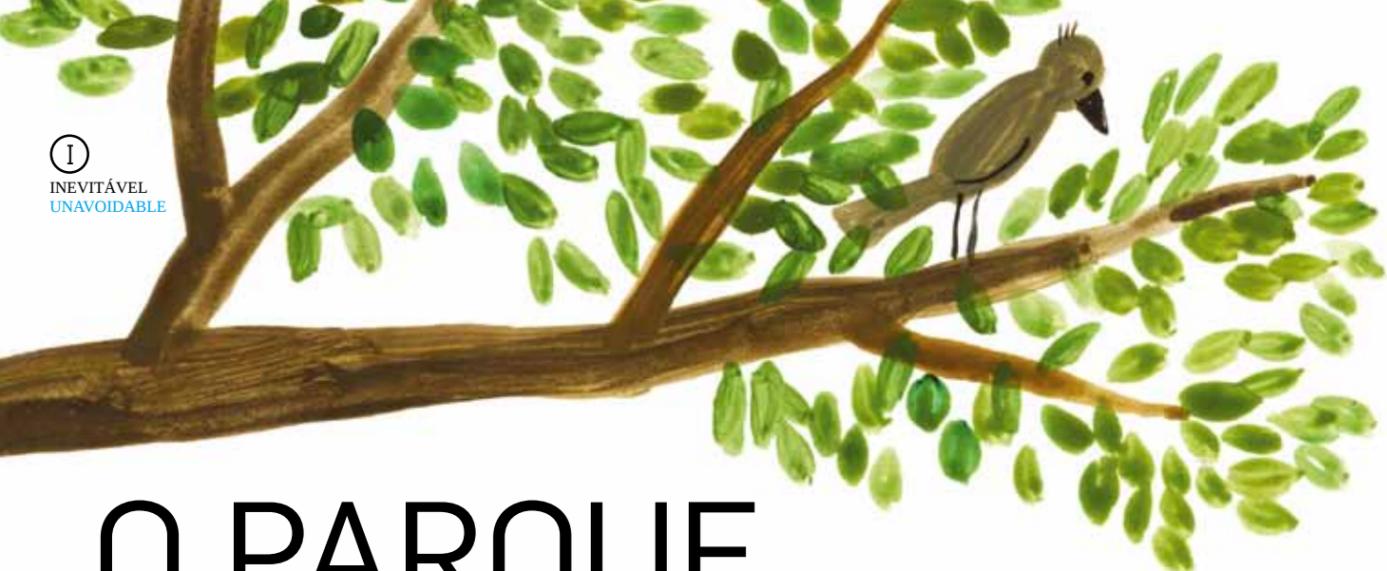
But we must also be aware enough to understand that there is more to life. One will not overcome difficulties with bowed heads, looking at the ground. We cannot change for the better if we just sit and sigh or lament. We cannot overcome any crisis with preconceptions, petty miserliness and envy (which we have embraced for far too long). We need to be courageous, we need to have the strength to face unexpected challenges and adverse situations, we need to be resilient and we need to dare. Looking towards the future and not giving up are not mere words. It is an attitude with which to face life.

I believe that this has been and is the attitude of Oeiras. We have a responsibility to do so, as a leading district in Portugal, which serves as a reference for many other districts, in a nation that must increasingly compete globally. The sustained development that we can see today throughout the district obliges us to strive more than others to be the best and to be different, to do what other districts do not do and what they should do.

I could cite the example of health centres, geriatric centres and old-age homes that we are building ourselves, but this time I would like to specifically highlight the importance of urban art and the role it plays in enhancing the territory. This issue clearly reveals how the Oeiras Town Hall has actively supported and encouraged urban art. We can also see this with our own eyes in the district's streets, in roundabouts and parks, in innumerable places that have become more beautiful, more attractive and obviously greatly improved by urban art.

In our view urban art is not a luxury or an extravagance (as it appears to people who continue to look at the ground). It is an objective factor to enhance human and material values. It is also thanks to its urban art that Oeiras has become a district with a distinct personality and a strong identity. Many visitors say that they enter the district and they immediately know that they are here. And we like to be here, feeling over and over again that the district likes us. It is not a coincidence, it is because we have art in our streets. This art helps us attract more investments and more companies that will generate more employment. Once again, it is no coincidence that this is happening.

It is happening because we are Oeiras. And because this is how Oeiras is setting an example and realising Portugal's true potential.



O PARQUE DOS POETAS

DE JOSÉ JORGE LETRIA (TEXTO)
E ANDRÉ LETRIA (ILUSTRAÇÕES)

O PARQUE DOS POETAS BY JOSÉ JORGE LETRIA
(TEXT) AND ANDRÉ LETRIA (ILLUSTRATIONS)

Este livro nasceu da experiência empreendida pela Câmara Municipal de Oeiras ao criar o seu Parque dos Poetas, como forma de evocar e homenagear os nomes mais importantes da poesia portuguesa de várias épocas. Nesse sentido, é também a homenagem dos dois autores a poetas que muito admiram e cujas obras enriquecem a cultura portuguesa de hoje e de sempre. Escrito para os mais novos, este livro destina-se também a públicos de outras idades, e nomeadamente a pais, professores e educadores em geral, podendo servir como uma obra de apoio na visita ao espaço em que os poetas são celebrados através do notável trabalho de criação escultórica de Francisco Simões. Em breve o livro estará à venda nos espaços habituais da avarquia de Oeiras.

This book was derived from an experiment by the Oeiras Town Hall, which created a “Poets’ Park” as a way of evoking and paying homage to the most important names in the universe of Portuguese poetry across various ages. In this sense it is also a work in which the two authors pay homage to poets whom they admire and whose works have enriched the Portuguese culture, nowadays and over the years. Written for younger readers, this book is likewise aimed at other age groups, such as parents, teachers and educationists in general. It can also serve as a guide while visiting the space in which Portuguese poets have been celebrated through noteworthy sculptures by Francisco Simões. The book will soon be on sale at the Oeiras Town Hall’s usual retail outlets.



A VIDA É BELA, EM OEIRAS LIFE IS BEAUTIFUL IN OEIRAS

«Em Oeiras vivo. Em Oeiras sinto», começa assim a entrevista que António Quina, de A Vida É Bela, na entrevista que nos deu para o roteiro cultural 30Dias. E é por sentir e viver Oeiras e gostar do que Oeiras lhe oferece que um dia, quando estava naquele espaço que ele chama casa – o Porto de Recreio de Oeiras – que resolveu fazer um A Vida é Bela - best of Oeiras.

São quase 150 experiências que pode viver, intensamente, neste 46km de terra à beira mar e rio plantado. Experiências que vão desde Spa, velaSmooth, pintura a pastel, gastronomia, batismo de mar, estadia nos melhores hotéis, passeios de catamarã entre muitas outras. Pesquise, analise e adquira a experiência que deseja fazer ou oferecer.

INFORMAÇÕES . INFORMATION
www.avidaebela.com | info@avidaebela.com
www.facebook.com/avidaebelapresentes
tel. 707 200 292

“In Oeiras I feel alive. In Oeiras I live life to the fullest”. These were the opening words of our interview with António Quina, of A Vida É Bela, in the 30Days cultural guide. It was because he feels and experiences Oeiras and likes all that Oeiras has to offer that one day, when he was in a space he calls home – the recreational port of Oeiras –, he decided to create a “Best of Oeiras” pack for A Vida é Bela. This pack highlights almost 150 activities that can be experienced, intensely, in this 46 km of earth with its seaside and riverside charms. Experiences that range from spas to velaSmooth treatments, painting, gastronomy, sailing, stays in outstanding hotels and excursions by catamaran, amongst many others. Research, analyse and indulge in the experience that you would like to try or gift unforgettable experiences to loved ones.



A ARTE EM OEIRAS

ART IN OEIRAS

Oeiras possui, ao dispor dos munícipese seus visitantes, obras de arte que assentam na importância que tem, para a autarquia, a arte ao dispor de todos. Aqui ficam duas sugestões da Oeiras em Revista.

Oeiras offers residents and visitors works of art that reflect the importance the municipal authorities attribute to making art available to everyone. Here are two suggestions from the Oeiras em Revista magazine.

EXPOSIÇÃO ARTISTAS BRASILEIROS NA COLEÇÃO MANUEL DE BRITO

EXHIBITION OF BRAZILIAN ARTISTS IN THE MANUEL DE BRITO COLLECTION

Manuel de Brito nasceu no Rio de Janeiro e sempre manteve fortes ligações a artistas e instituições brasileiras. A Coleção Manuel de Brito foi mostrada, em 1995, no Museu de Arte de São Paulo e no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro com imenso sucesso. Ao terminar o ciclo de apresentação dos artistas portugueses, dos anos 10 do século XX aos anos 10 do séculos XXI, o Centro de Arte Manuel de Brito mostra os artistas representados na coleção. Thomaz Ianelli, Sérgio de Camargo, Arthur Luis Piza, Ascânio MMM, Alex Flemming, Leda Catunda e Márcia Xavier são os artistas mais representados na coleção.

Manuel de Brito was born in Rio de Janeiro and always maintained strong ties with Brazilian artists and institutions. The Manuel de Brito collection was displayed, in 1995, in the São Paulo Art Museum and in the Rio de Janeiro Museum of Modern Art and the exhibition was a resounding success. After concluding a cycle showcasing Portuguese artists from 1910 to 2010, the Manuel de Brito Art Centre is now exhibiting Brazilian artists represented in the collection. Thomaz Ianelli, Sérgio de Camargo, Arthur Luis Piza, Ascânio MMM, Alex Flemming, Leda Catunda and Márcia Xavier are the most representative artists in the collection.



De 24 de Fevereiro a 3 de Junho
24 February to 3 Jun
De terça a Domingo - das 10h00 às 18h00
Tuesday to Sunday - 10.00 to 18.00
Última sexta do mês das 10h00 às 24h00
Last Friday of the month - 10.00 to 24.00

INFORMAÇÕES
INFORMATION
Centro de Arte Manuel de Brito
Palácio Anjos
Alameda Hermano Patrone, Algés
Tel. 214 111 400

DESENHO E POESIA NA COLEÇÃO NEVES E SOUSA

DRAWINGS AND POETRY
IN THE NEVES E SOUSA COLLECTION

As iniciativas já realizadas, distinguiram a obra pictórica de Neves e Sousa, como o pintor das terras e gentes de África e do Brasil. Por conseguinte, foram incontornáveis os seus óleos com Retratos de Mulheres e as suas aguarelas, como as célebres Queimadas. Contudo, prezando o compromisso assumido pela Câmara de Oeiras para com a viúva Luísa Neves e Sousa, pretende-se também explorar e divulgar outras vertentes por si desenvolvidas e para alguns, menos conhecidas. Assim, esta exposição exaltará a obra poética de Neves e Sousa aliada aos seus magníficos desenhos publicados nos seus livros, nomeadamente, em “Macuta e Meia de Nada”.

Past initiatives have already displayed artworks by Neves e Sousa, who portrayed the lands and people of Africa and Brazil. His works in oil, especially his portraits of women, and his watercolours, such as the celebrated series on bushfires, are well-known and have a distinctive style. However, honouring the commitment the Oeiras Town Hall made to his widow, Luísa Neves e Sousa, efforts are being made to likewise explore and disseminate other, lesser known, aspects of his work. Thus, this exhibition showcases poetic works by Neves e Sousa, coupled with his magnificent drawings, published in his books, especially in “Macuta e Meia de Nada”.

De 14 de Fevereiro a 26 de Maio
14 February to 26 May
Terça a sexta - das 11h00 às 18h00
Tuesday to Friday - 11.00 to 18.00
Sábados - das 14h00 às 18h00
Saturday - 14.00 to 18.00

INFORMAÇÕES
INFORMATION
Galeria-Livraria Verney
Rua Cândido dos Reis, 90 - Oeiras
Tel. 214 408 391



OFEREÇA O MELHOR DE OEIRAS

Em conjunto com a a vida é bela® preparámos um presente para todos os gostos e idades, com mais de 145 experiências à escolha. As opções são abrangentes. De confortáveis hotéis aos desportos mais efusivos, passando pela tranquilidade dos Spa's e pelo saboroso encanto da boa mesa... a escolha é vasta e sedutora! Este presente é seu. Explore-o, divirta-se...ou ofereça-o.

With a vida é bela® we prepared this gift with more than 145 experiences, for all tastes and ages. The options are extensive. From comfortable hotels to effusive sports, through the tranquility of spa's and the tasty charm of a good dish... the choice is wide and seductive. This gift is yours. Explore it, enjoy it... or offer it.



a vida
é bela

Best Of Oeiras

145 Experiências de Alojamento,
Spa, Aventura e Gourmet
1 experiência para 1 ou 2 pessoas

NOVO

Multiactividades



a vida
é bela



Oeiras
Marca o ritmo



NOVA OEIRAS, LUGAR DE ESCOLHA

ENTREVISTA COM O ARQUITECTO JOSÉ MANUEL FERNANDES

NEW OEIRAS: AN EXCELLENT CHOICE
AN INTERVIEW WITH ARCHITECT JOSÉ MANUEL FERNANDES

EDUARDO PITTA } *Texto . Text*

CARMO MONTANHA } *Fotografia . Photos*

Natural de Lisboa (1953), mas residente em Oeiras há perto de 40 anos, José Manuel Fernandes é um arquiteto que ensina História da Arquitectura e do Urbanismo na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Um homem afável que nos mostra o campus do Alto da Ajuda antes de nos sentarmos a conversar no seu gabinete. Professor catedrático, investigador, conferencista, autor de estudos e ensaios sobre arquitectura e urbanismo publicados em revistas da especialidade e na imprensa, antigo presidente da Fundação DoCoMoMo Ibérico (1993-97), membro do conselho editorial da revista Monumentos, é co-autor de três densas monografias sobre antigas colónias africanas: *Angola no Século XIX. Cidades, Território e Arquitecturas* (2006), *Moçambique 1875/1975. Cidades, Território e Arquitecturas* (2008), e o mais recente, *Angola no Século XX (1925/1975). Cidades, Território e Arquitecturas* (2011), bem como responsável pela área da África sub-sahariana no estudo *Património de Origem Portuguesa no Mundo — Arquitectura e Urbanismo*, que José Mattoso coordenou e a Fundação Calouste Gulbenkian publicou em 2010.

Born in Lisbon (1953), but a resident of Oeiras for almost 40 years, José Manuel Fernandes is an architect who teaches the History of Architecture and Urbanism at the Faculty of Architecture of the Lisbon Technical University. He is an affable man who gave us a tour of the Alto da Ajuda campus before sitting down for a conversation in his office. A full professor, researcher, speaker and author of many studies and essays about architecture and urbanism published in specialised magazines and the press, he is a former director of the DoCoMoMo Ibérico Foundation (1993-97) and a member of the editorial board of the Monumentos magazine. He has co-authored three detailed monographs about Portugal's erstwhile African colonies: *19th Century Angola. Cities, Territory and Architecture* (2006), *Mozambique 1875/1975. Cities, Territory and Architecture* (2008) and, most recently, *20th Century Angola (1925/1975). Cities, Territory and Architecture* (2011). He is also responsible for the area of Sub-Saharan Africa in the study *Portuguese Heritage around the World — Architecture and Urbanism*, a work coordinated by José Mattoso and published by the Calouste Gulbenkian Foundation in 2010.

Nasceu em Lisboa, onde dá aulas, mas vive em Oeiras, onde mantém o ateliê de arquitectura. Alguma razão especial?

Vivi em Lisboa durante grande parte da infância e adolescência. Os meus pais tinham casa na Costa do Castelo, num sítio muito bonito perto do miradouro das Portas do Sol. Depois, o sonho da moradia levou-nos para Sintra. A partir do momento em que me autonomizei (isso aconteceu a meio do curso), quis outra coisa. Entretanto dá-se o 25 de Abril e toda a avalanche de acontecimentos que conhece. Oeiras surge então como a melhor alternativa para um grupo de pessoas de que faziam parte vários colegas, entre eles o Carlos Nogueira, de quem V. é amigo. Ocupei uma casa no centro histórico, onde vivi até me mudar para Nova Oeiras. É nessa primitiva casa que funciona o ateliê. Oeiras melhorou muito nas últimas décadas, continua a ser um sítio agradável para viver, tenho lá a família quase toda. Posso dizer que é um sítio de escolha.

Oeiras é ou passa por ser o concelho português com melhor qualidade de vida...

Tem havido um grande investimento das sucessivas direcções camarárias, que têm feito uma gestão inteligente dos recursos. Isso reflecte-se no dia-a-dia. Não vivo aqui por capricho... Muita coisa contribui para a qualidade de vida de Oeiras: zona ribeirinha preservada, espaço público cuidado, espaços verdes, zonas de lazer, piscinas, actividade cultural... Digamos que é o sítio ideal para a classe média (média-alta, se quiser) que se desenvolveu com a democracia. Portanto, mesmo dando aulas em Lisboa, primeiro no Chiado e agora aqui no Alto da Ajuda, Oeiras passou a ser a minha referência de vida.

A partir de certa altura mudou-se do centro histórico para o bairro Nova Oeiras. Como foi possível fazer naquela altura um bairro com as características de Nova Oeiras?

É uma boa pergunta. Nova Oeiras é o exemplo do que se deve fazer em urbanismo. O bairro nasceu por uma confluência de vontades entre grandes mecenas e encomendadores esclarecidos. Essa elite conseguiu sobrepor a sua vontade à visão acanhada do salazarismo. Foi o triunfo da inteligência “operativa”... Em Portugal só há um bairro com as características de Nova Oeiras. E na Europa não há muitos... Lembro-me da surpresa causada em Inglaterra, aqui há uns anos, quando o plano (e as imagens) do bairro foram mostradas num congresso.

Uma obra dos anos 1950-60...

O arquitecto Luís Cristino da Silva, que tinha feito o Areeiro, mas também o Capitólio, é preciso não esquecer, tendo recebido a “encomenda”, em vez de optar por uma solução tradicional, fez uma coisa diferente. Foi ao encontro dos clientes, que eram pessoas com alguma cultura, por acaso ligadas ao capital “africanista”, interessadas em soluções novas para um sítio de qualidade, próximo do mar (o contrário do subúrbio acanhado), e que estava então a ser desbravado. Assim se transformou uma área de cultura de trigo e centeio numa área residencial de excelência. Respeitando as melhores regras internacionais do urbanismo, essa aliança da cultura com o dinheiro e uma boa autoria estética deu o resultado que conhecemos.

E assim chegamos à famosa *raquette* do arquitecto Cristino da Silva.

Assim chegamos à *raquette*. Nova Oeiras é um conjunto arquitectónico de grande excelência, com regras paisagísticas bem definidas, um bom exemplo do modernismo europeu aplicado ao urbanismo.

Para todos os efeitos, uma obra do Estado Novo...

Veja: o património que Arthur Brandão comprou em 1939 aos herdeiros do marquês de

You were born in Lisbon, where you teach, but you live in Oeiras, where you have also maintained your architecture studio. Any special reason for this?

I lived in Lisbon for much of my childhood and adolescence. My parents had a house in the Costa do Castelo area, in a very beautiful place close to the Portas do Sol belvedere. After that, our dream of owning a villa took us to Sintra. When I began living independently (about midway through my university studies), I wanted something else. In the meanwhile the 25th April revolution took place along with the avalanche of associated events, which are well-known. At the time Oeiras emerged as the best alternative for a group of people that included many of my colleagues, including Carlos Nogueira, whom you also know. I lived in a house in the historic town centre, where I lived until I moved to New Oeiras. My studio operates out of my former residence. Oeiras has improved dramatically during recent decades. It continues to be a pleasant place in which to live, almost all of my family lives here. I can say that it is an excellent choice.

Oeiras is or is believed to be the Portuguese district with the best quality of life...

Successive town hall administrations have made substantial investments and managed resources intelligently. This is reflected in daily life. I do not live here owing to caprice... Many things contribute towards the quality of life in Oeiras: a well-preserved waterfront, well-tended public spaces, green areas, leisure zones, swimming pools, cultural activities... One could say that it is the ideal site for the middle class (or upper middle class, if you prefer) that developed with democracy. However, even though I teach in Lisbon, earlier in the Chiado area and now here at the Alto da Ajuda campus, Oeiras has become the main reference in my life.

At a certain point you moved from the historic town centre to the New Oeiras neighbourhood. How was it possible at that time to create a neighbourhood with the features New Oeiras offers?

That’s a good question. New Oeiras is an excellent example of what urbanism should be. The neighbourhood was created as a result of a joint vision of enlightened commissioners and patrons. This elite managed to impose their will over the stifling vision propounded by Salazar. It was a triumph of “operative” intelligence... In Portugal there is only one neighbourhood with the features characteristic of New Oeiras. And there aren’t many in Europe... I can clearly recall the surprise in England a few years ago when the plan (and images) of the neighbourhood were shown at a conference.

This is a project dating from the 1950s and 1960s...

When the architect, Luís Cristino da Silva (who, one must recall, had designed the Areeiro area in Lisbon as well as the Capitólio cinema-theatre) was commissioned to work on this project, he decided to do something different rather than opt for traditional solutions. He went to meet his clients, who were from cultured circles and perchance were connected to “African” capital. They were interested in new solutions for a high-quality complex, close to the sea (unlike a bashful suburb) and liked what was being chalked out. Thus, an area that once comprised wheat and rye fields was transformed into an outstanding residential area. Respecting the best international rules pertaining to urbanism, this alliance between culture, money and the author’s refined aesthetics resulted in the neighbourhood we all know today.

And thus we come to Cristino da Silva’s famous *raquette*...

Thus we come to the *raquette*. New Oeiras is an outstanding architectural complex, with well-defined landscaping rules, a good example of European modernism applied to urbanism.



Pombal incluía o palácio e os jardins, mais as quintas adjacentes que pertenciam à casa de Pombal. Uma delas, a chamada Quinta de Cima, foi vendida ao Estado em 1961. Anos mais tarde foi entregue à Estação Agronómica Nacional. A Quinta de Baixo foi subdividida. Arthur Brandão reservou para ele o palácio e os jardins, antes de os vender à Fundação Gulbenkian, que ali teve depositada até 1979 a sua colecção de arte. Como sabe, funciona lá o Instituto Nacional de Administração. Mas o palácio e os jardins são propriedade da Câmara de Oeiras desde 2003.

E o bairro surge...

O bairro surge da alienação à Sociedade Nova Oeiras das terras de cultivo da Quinta de Baixo. Isso foi feito em 1940 com o objectivo de promover a urbanização dos terrenos. Naquele tempo, a Sociedade Nova Oeiras tinha à sua frente um grupo de homens determinados, como Arthur Brandão, José Marques de Sousa, José Maria Pedroso, José Ribeiro do Espírito Santo Silva, Luís Afonso da Cunha Magalhães de Sousa Adão e José Maria do Espírito Santo Silva. O ponto notável é que este conjunto de personalidades foi suficientemente esclarecido para aceitar promover e concretizar um conjunto arquitectónico, urbano e paisagístico inovador, proposto por quem convidaram para tal — o arquitecto Cristino da Silva, que até era um autor de obras neo-tradicionais, como a Praça do Areeiro — mas que soube também rodear-se de uma geração de criadores mais jovem e esclarecida! Isto, com um terceiro ponto qualificador — o local escolhido para o plano (a antiga quinta referida atrás), e o programa de habitação generoso e virado ao futuro, nada subúrbico, antes cidadão

Esse escol de clientes, o plano inovador e generoso e um local óptimo, marcaram o futuro do bairro...

For all practical purposes, a work of the “Estado Novo”...

Look: the patrimony that Arthur Brandão bought in 1939 from the heirs of the Marquis of Pombal included the palace and the gardens, plus the adjoining farms that belonged to the Pombal family. One of them, known as the Quinta de Cima, was sold to the state in 1961. Years later it was handed over to the National Agronomical Station. Another estate, the Quinta de Baixo was subdivided. Arthur Brandão kept the palace and gardens for himself, before selling them to the Gulbenkian Foundation, which stored its art collection there until 1979. As you know, the National Administration Institute functions there. However, the palace and the gardens have been owned by the Oeiras Town Hall since 2003.

And the neighbourhood appeared...

The neighbourhood appeared when the New Oeiras Building Society was allowed to purchase some agricultural fields in the Quinta de Baixo area. This was done in 1940 with a view to promoting urbanisation. At the time the society was headed by a group of very determined men, such as Arthur Brandão, José Marques de Sousa, José Maria Pedroso, José Ribeiro do Espírito Santo Silva, Luís Afonso da Cunha Magalhães de Sousa Adão and José Maria do Espírito Santo Silva. The point that needs to be noted is that this set of figures was sufficiently enlightened to agree to promote and implement an innovative architectural, urban and landscaped complex, proposed by the person they had selected for the purpose — the architect Cristino da Silva, who had designed neo-traditional projects such as the Areeiro square — but who was also wise enough to surround himself with a generation of younger and dynamic creators! This was coupled with a third decisive element — the site that had been chosen for the plan



Em síntese, a Câmara de Oeiras tem feito um bom trabalho, tendo estruturado todo o processo da recuperação do bairro desde há mais de dez anos. Após 2003, essa acção encontra-se centrada no GALNOV, o gabinete local de apoio à comunidade, que gere desde 2007 um prémio anual de recuperação, o RENOV.

In short, the Oeiras Town Hall did an excellent job, having structured the entire process of restoring the neighbourhood over the course of these 10 years. After 2003, these actions have been centred around GALNOV, the local community support office, which has managed an annual award for restoration, RENOV, from 2007 onwards.

Absolutamente. Nova Oeiras foi influenciada desde o início pelas tendências renovadoras do modernismo arquitectónico e urbanístico. Tudo foi respeitado: as normas da Carta de Atenas, o conceito de “cidade-jardim”, as concepções de Le Corbusier... Ainda hoje é um exemplo de excelência em toda a Europa.

Tudo por iniciativa do arquitecto Cristino da Silva...

Que, como disse, no momento decisivo do desenho e da concepção, soube rodear-se de uma equipa jovem. O arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles ainda não tinha 30 anos. Mas foi ele que fez o enquadramento paisagístico com o Edgar Sampaio Fontes.

Foi então o Cristino da Silva mais o Ribeiro Telles e o Sampaio Fontes...

E ainda o Pedro Falcão e Cunha, que desenhou todos os blocos de dois e três pisos. Mais tarde, construíram ali o Cândido Palma de Melo e o pintor Rogério Ribeiro, que é o autor dos azulejos da antiga Estalagem. O plano geral é do arquitecto Cristino da Silva. Depois cada um dos outros se ocupou de uma área específica.

Mas Oeiras pré-existia...

Isso condicionou o plano. O projecto não podia ignorar a Quinta dos Lombos (em Carcavelos), a marginal de Cascais e, naturalmente, o património edificado e os arruamentos junto à estação de comboios de Oeiras.

Estamos a falar dos anos 50...

Precisamente. O plano geral foi aprovado em Abril de 1954. Estamos a falar de uma obra que abrangia uma área de 420 mil metros quadrados. O essencial estava em plena construção em 1961, e ficou na maior parte edificado até meados da década de 60.

E o “essencial” era...

Os blocos e as torres de apartamentos, mais o centro comercial, hoje designado “Átrio Comercial”. Uma torre mais alta, com 20 pisos, da autoria de Cristino da Silva, prevista para o local onde hoje se situa a igreja, nunca foi construída.

(the aforesaid erstwhile farm), and the generous and futuristic housing programme, which had little in common with standard suburbs and was instead quite urban.

Those farsighted clients, the innovative and generous site and a prime location, marked the neighbourhood's future...

Absolutely. New Oeiras was influenced from the beginning by the winds of architectural and urban modernism. Everything was respected: the norms of the Athens Charter, the concept of a “garden-city”, the concepts of Le Corbusier... Even today it is an outstanding example of excellence in all of Europe.

And all this came about thanks to the initiative of the architect, Cristino da Silva...

Who, as I have mentioned, at a decisive moment during the design and conception of the project, was intelligent enough to engage a young team. His landscape architect, Gonçalo Ribeiro Telles, was not even 30 years old. But he was the one who created the landscape setting along with Edgar Sampaio Fontes.

So it was Cristino da Silva and Ribeiro Telles and Sampaio Fontes...

Along with Pedro Falcão e Cunha, who designed all the two and three-storied blocks. Later, Cândido Palma de Melo was active there as was the painter Rogério Ribeiro, who made the *azulejo* tiles at the erstwhile inn. The general plan was by the architect, Cristino da Silva. Subsequently the others focused on specific areas.

But Oeiras already existed...

That conditioned the plan. The project could not ignore the Quinta dos Lombos (in Carcavelos), the Cascais coast road and, naturally, the built-up patrimony and the streets near the Oeiras railway station.

This was the 1950s...

Precisely. The overall plan was approved in April 1954. This was a project that encompassed an area of 420,000 m². Construction was in full swing by 1961 for the essential components and most of the buildings had been constructed by the mid-1960s.

Quem não conheça Nova Oeiras pode ficar desiludido com a síntese Blocos+Torres+CC...

Não, porque a chave da qualidade de vida do bairro é o precioso equilíbrio (estético, funcional, viário) conseguido entre espaços em altura (as seis torres), os blocos horizontais isolados e as moradias, mais o espaço urbano, com as áreas arborizadas e os equipamentos — tudo isto integrado num núcleo que inclui caminhos pedonais e uma zona verde central com 13 hectares. O bairro desenvolve-se em torno da Alameda Conde de Oeiras, eixo viário principal, sendo os arruamentos interiores e todo o edificado absorvido pela zona verde envolvente.

Hoje, como é?

Actualmente existem seis torres de 10 pisos; três blocos de 3 andares, assentes em *pilotis*; perto de 250 moradias unifamiliares com logradouro; um centro cívico e comercial, com comércio ao nível da rua e habitação nos pisos superiores; uma escola de ténis (o CETO); a Igreja de Santo António; as Capelas Mortuárias; o Centro Paroquial e um centro de juventude que ocupa as antigas instalações da escola secundária. No edifício que foi a Estalagem Nova Oeiras funciona agora o Centro Nuno Belmar da Costa da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral.

Tomara muitas cidades de província!

De facto...

Insisto neste aspecto: a envolvente verde é decisiva para a qualidade de vida!

Essa foi uma das preocupações do arquitecto Ribeiro Telles, que logo em 1956 mandou plantar 790 árvores. As mais diversas, mas inteligentemente seleccionadas dentro do leque da flora do mundo meridional-atlântico e mediterrâneo: carvalhos, oliveiras do paraíso, ulmeiros, choupos brancos, freixos, olaias, medronheiros, oliveiras, pinheiros mansos, alfarrobeiras...

Um oásis assim tem mesmo de ser preservado. Como começou esse processo de recuperação e como se ligou a a ele?

Sempre defendi publicamente, até na imprensa, o valor deste conjunto edificado. Em 2000, quando o ambiente físico do bairro decaía a olhos vistos, fui convidado a conceber um “Plano de Salvaguarda e regulamentação/gestão”, o qual desenvolvi com a arquitecta Maria de Lurdes Janeiro. Esse plano foi apresentado à Câmara de Oeiras, que percebeu bem o valor do que estava em causa, pois rapidamente implementou a proposta do plano, que era a constituição de um gabinete de sensibilização e apoio local à comunidade. Isto em 2003. Deu-se então início a uma campanha de obras ritmada. Já foi executada a recuperação das galerias, do tanque e do conjunto arbóreo do Átrio Comercial com novo sistema de iluminação; da envolvente da Torre D com novos espaços verdes; e da Torre I com novo parque infantil, que se estendeu de 2004 a 2010. Actualmente, aguarda-se a obra de transformação da praça anexa ao Átrio, muito degradada, numa área verde com anfiteatro. O regulamento está em discussão pública final, para aprovação. Em síntese, a Câmara de Oeiras tem feito um bom trabalho, tendo estruturado todo o processo da recuperação do bairro desde há mais de dez anos. Após 2003, essa acção encontra-se centrada no GALNOV, o gabinete local de apoio à comunidade, que gere desde 2007 um prémio anual de recuperação, o RENOV. Face aos critérios da UNESCO (que pressupõem, para considerar classificar um determinado valor construído, a sua gestão, as obras de recuperação em curso e a participação da população), temos a ambição de propor a classificação de Nova Oeiras — um “monumento”, para todos os efeitos — como Património da Humanidade. A Câmara está a fazer pontaria para 2015. A ver vamos...



And the “essential components” were...?

The apartment blocks and towers, along with the shopping centre, nowadays known as the “Átrio Comercial”. A high tower, with 20 floors, designed by Cristino da Silva and envisaged for the site where the church stands today, was never built.

Those who are not familiar with New Oeiras could be disappointed with the combination of blocks, towers and a shopping centre...

No, because the key element for the quality of life in this neighbourhood is this precious equilibrium (aesthetic, functional, streets) that has been achieved between high spaces (the six towers), the individual horizontal blocks and the villas, plus the urban space, with green areas and facilities — all this integrated into a nucleus that includes walking paths and a central green area encompassing 13 hectares. The neighbourhood developed around the Conde de Oeiras square, the main axis, while the inner streets and all the built-up areas are absorbed by the surrounding green spaces.

What is it like nowadays?

Currently there are six towers with 10 floors each; three blocks with 3 floors, built on stilts; close to 250 single-family villas with yards; a civic centre and a shopping centre, with street-level shops and residences on the upper floors; a tennis school (CETO); St. Anthony's Church; the mortuary chapels; a parish centre and a youth centre that occupies the erstwhile facilities of the high school. The building that was once the New Oeiras Inn now houses the Nuno Belmar da Costa Centre of the Portuguese Cerebral Palsy Association.

Better than many provincial cities!

That's true...

One can highlight this aspect: the surrounding green area is decisive for the neighbourhood's quality of life!

That was one of the prime concerns of the architect, Ribeiro Telles, who ordered 790 trees to be planted as early as 1956. The most diverse trees, but judiciously selected from the range of flora native to the South Atlantic and Mediterranean world: oaks, oleasters, elms, white poplars, ash trees, Judas trees, arbutus, olive trees, stone pines, carob trees...



Mudando de assunto. Quem circule na autoestrada de Cascais apercebe-se da desolação paisagística dos concelhos circundantes. A má qualidade da arquitectura talvez passasse despercebida se houvesse mais árvores, mas os autarcas parecem ter desistido de as plantar...

Se vir bem, isso não acontece no trecho da autoestrada que atravessa o concelho de Oeiras. A autarquia foi capaz de erradicar os bairros clandestinos e de “redesenhar” o território adjacente à autoestrada para que ficasse integrada na paisagem. Não é o ideal, mas já foi muito pior...

Nos quatro anos (1993-97) em que presidiu à Fundação DoCoMoMo Ibérico, com sede em Barcelona, quais foram as suas prioridades?

A exemplo da Fundação Mies van der Rohe, o DoCoMoMo estuda e documenta o património moderno, intervindo sempre que necessário na sua salvaguarda. Um exemplo português conhecido é o da pastelaria Mexicana, na Praça de Londres (Lisboa). Mas há outros. A minha presença na sua direcção teve que ver com a dimensão ibérica do DoCoMoMo.

O seu interesse pela África sub-sahariana começou quando?

O meu interesse por África faz lembrar a ida à guerra do Solnado... Mas é simples: o Keil do Amaral, que tinha uma personalidade forte, inculcou-me a dimensão humanista da arquitectura, isto logo em 1970 ou 71. Depois veio o 25 de Abril, o saneamento dos professores fascistas, que foram expulsos, e houve que “refundar” a Escola, que era uma porcaria...

Uma porcaria...

Sim, uma porcaria. Nós aprendíamos fora dela, fomos obrigados a refazer tudo, de certo modo fomos professores de nós próprios. Como estava interessado na dimensão

An oasis like this really must be preserved. How did this restoration process begin and how did you become involved in it?

I have always publicly defended the value of this built up patrimony, even in the press. In 2000, when the physical environment of the neighbourhood was crumbling before our eyes, I was invited to conceive of a plan to safeguard and manage the area, which I developed along with the architect Maria de Lurdes Janeiro. This plan was presented to the Oeiras Town Hall, which clearly understood the patrimony that was at stake, since it rapidly implemented what the plan had proposed, which included constituting a department to raise awareness and garner local support for the community. This was in 2003. After that a campaign of restoration work proceeded at a steady pace. The galleries, pond and green areas of the Átrio Comercial shopping area were restored and a new lighting system was installed; new green areas were created around Tower D; and a new children’s playground was built in Tower I, projects that were implemented between 2004 and 2010. Currently, we are awaiting the implementation of the project to transform the little square adjoining the Átrio, which is very run down, into a green area with an amphitheatre. The regulations are in the final phase of public discussions, for approval.

In short, the Oeiras Town Hall did an excellent job, having structured the entire process of restoring the neighbourhood over the course of these 10 years. After 2003, these actions have been centred around GALNOV, the local community support office, which has managed an annual award for restoration, RENOV, from 2007 onwards. Given the UNESCO criteria (which, while considering the classification of a built up monument, weighs its management, the restoration works underway and public participation), we aim to submit a proposal to classify New Oeiras — a “monument”, for all effects — as a World Heritage site. The Town Hall is aiming for 2015. We shall see...

Changing the subject. Anyone driving along the Cascais highway can immediately discern the desolate landscape of surrounding districts. The poor quality of the architecture would perhaps be less of an eyesore if there were more trees, but it seems that the municipal authorities have stopped planting trees...

If you look carefully this is not the case on the stretch of highway that traverses the district of Oeiras. The municipal authorities were able to eradicate the illegal neighbourhoods and “redesign” the area adjacent to the highway so that it was integrated into the landscape. It isn’t the ideal solution, but it used to be much worse...

What were your main priorities during the four years (1993-97) when you were the director of the DoCoMoMo Ibérico Foundation, headquartered in Barcelona?

Just like the Mies van der Rohe Foundation, the DoCoMoMo Foundation studies and documents modern patrimony, intervening whenever necessary to safeguard it. A well-known Portuguese example is the Mexicana pastry shop in the Praça de Londres square in Lisbon. But there are others. My presence on the board had to do with the Iberian dimension of the DoCoMoMo Foundation.

When did you begin to be interested in Sub-Saharan Africa?

My interest in Africa is reminiscent of Solnado going off to war... But it is simple: Keil do Amaral, who was a very forceful personality, inculcated the humanist dimension of architecture in me as far back as 1970 or 1971. Then came the 25th April revolution, the cleansing of fascist professors, who were expelled, and it was necessary to found the School anew, since it had become a mess...

A mess...

Yes, a mess. We learnt outside the school, we were obliged to do everything again, in a certain way we were our own professors. Since I was interested in the cultural aspect of architecture, I subsequently taught classes on History and, when it was time to do a Ph.D., I proposed a project to my supervisor researching Portuguese architecture



culturalista da arquitectura, fui logo dar aulas de História e, quando chegou a fase do doutoramento, propus ao meu orientador um trabalho sobre a arquitectura portuguesa no mundo, que acabou por ser sobre a arquitectura popular dos Açores. Mas quando se trata dos Açores e de Portugal é preciso ir ao Brasil, à Índia, à África... Não se esqueça que todos os barcos que voltavam do Oriente passavam por Angra do Heroísmo. Se quiser, o “clique” foi esse. Uma vez feita a tese, não parei. Tive oportunidade de ir à Índia com o Centro Nacional de Cultura (onde trabalhava), numa das várias viagens que a Helena Vaz da Silva organizou sobre a presença de Portugal no mundo. Os primeiros artigos que publiquei no Expresso foram sobre essa viagem fascinante. Damão é uma terra preciosa...

Moçambique surge quando?

A minha mulher [a arquitecta Maria de Lurdes Janeiro] nasceu em Damão, onde passou grande parte da infância, vivendo depois a adolescência em Lourenço Marques, e eu senti necessidade de conhecer esse “mundo perdido” que ela deixou em 1975...

Parte do particular para o geral...

Havia muitos historiadores a trabalhar à Índia e o Brasil, mas África era a grande ausência. Eu parti de razões afectivas, mas queria perceber as razões dessa omissão...

Um gap histórico...

Não é possível pensar a arquitectura portuguesa sem estudar o que fizemos em África. Dou-lhe dois exemplos: o Francisco Castro Rodrigues, no Lobito, e o Pancho Miranda Guedes, em Lourenço Marques. Não se pode ignorar o trabalho destes homens. Eles (e outros) fazem parte da história da arquitectura portuguesa do século XX.}

around the world, which ended up by being about popular architecture in the Azores. But when you study the Azores and Portugal it is also necessary to study Brazil, India, Africa... Don’t forget that all the ships that returned from the Orient would call in at Angra do Heroísmo. In fact, that was when things fell into place. After I finished my thesis I didn’t stop. I had the opportunity to go to India with the National Centre for Culture (where I worked), on one of the several trips that Helena Vaz da Silva organised about the Portuguese presence around the world. The first articles that I published in the *Expresso* were about that fascinating journey. Daman is an amazing place...

When did you become interested in Mozambique?

My wife [Maria de Lurdes Janeiro, also an architect] was born in Daman, where she spent much of her childhood. She then spent her teenage years in Lourenço Marques (nowadays Maputo), and I felt the need to become better acquainted with that “lost world” which she left behind in 1975...

You went from a private interest to a broader interest...

There were many historians working on India and Brazil, but research on Africa was missing. I set out for sentimental reasons, but I wanted to understand the reasons for that omission...

A historical gap...

It is not possible to contemplate Portuguese architecture without studying what we did in Africa. I can give you two examples: Francisco Castro Rodrigues, in Lobito, and Pancho Miranda Guedes, in Lourenço Marques. It is impossible to ignore the work of these men. They (and others) are part of the history of 20th century Portuguese architecture. }



O OBJECTIVO DA ARTE NÃO É SER COMPREENSÍVEL ART DOES NOT AIM TO BE UNDERSTANDABLE

Toda a arte é expressão de qualquer fenómeno psíquico. A arte, portanto, consiste na adequação, tão exacta quanto caiba na competência artística do fautor, da expressão à cousa que quer exprimir. De onde se deduz que todos os estilos são admissíveis, e que não há estilo simples nem complexo, nem estilo estranho nem vulgar. Há ideias vulgares e ideias elevadas, há sensações simples e sensações complexas; e há criaturas que só têm ideias vulgares, e criaturas que muitas vezes têm ideias elevadas. Conforme a ideia, o estilo, a expressão. Não há para a arte critério exterior. O fim da arte não é ser compreensível, porque a arte não é a propaganda política ou imoral.

Fernando Pessoa, in *'Sobre «Orpheu», Sensacionismo e Paúlismo'*

All art is the expression of a psychic phenomenon. Hence art consists of suitably expressing, as precisely as is possible by the artistic competence of the author, the thing that the author wishes to express. From which one can deduce that all styles are admissible and that there are no simple or complex styles, nor strange nor common styles. There are common ideas and sublime ideas, there are simple sensations and complex sensations; and there are creatures who only have common ideas and creatures who very often have sublime ideas. Styles and forms of expression are influenced by such ideas. There are no external criteria for art. The purpose of art is not to be understandable, because art is not political or immoral propaganda.

Fernando Pessoa, in *Sobre "Orpheu", Sensacionismo e Paúlismo*



GISELA DUARTE

A MULHER POR DETRÁS
DO PARQUE DOS POETAS

THE WOMAN BEHIND
THE POETS' PARK

CARLA ROCHA } *Texto . Text*
CARMO MONTANHA } *Fotografia . Photos*

Gisela Duarte coordena o Gabinete de Apoio ao Parque dos Poetas. Isso agora, porque esta mulher já foi dirigente da Habitação e do Gabinete de Relações Internacionais. De base é arquiteta e o que a faz ir para campos tão distintos é que se há alguém que não tem medo de abraçar causas diferenciadas, essa pessoa é a Gisela Duarte. Sabe o que quer e o que não quer. Combate com toda a convicção por aquilo que acredita. Vive sempre numa agitação que não abranda com os dias, com os anos. Diz que já ‘amochou o que tinha a amochar’. A idade não a destempera. Não a amolece. É genuína e não há quem não tenha uma opinião sobre ela: ou se gosta ou se odeia. Não passa despercebida. Nem quer. Diz que dorme bem porque é o único tempo em que está a descansar, mas assim que acorda passa logo para a velocidade cruzeiro. E embora possa parecer uma mulher fria, quando fala dos filhos, do neto que está para chegar e do pai, ah o pai, seu olhos enchem-se de lágrimas por ‘não sei se eles sabem o quanto os amo’. Se não sabem, ficam a saber agora. Eis, sem papas na língua, a arquiteta Gisela Duarte:

Onde nasceu?

Eu sou indígena. Minha terra é Linda-a-Pastora no concelho de Oeiras. E há várias gerações que a minha família é desta zona.

Então foi testemunha de primeira linha da evolução deste concelho, não só como funcionária desta autarquia mas também como munícipe?

Sim, e testemunhei factos que me enriqueceram. Por exemplo, na escola primária tive colegas que mais tarde vim encontrar como habitantes em bairros de barracas e para quem a autarquia deu uma casa. São experiências que nunca se esquece e que nos marcam.

E isso, não obstante de ser de uma grande satisfação interior, uma vez que esteve envolvida na promoção da Habitação Social, não era, ao mesmo tempo, profundamente doloroso?

Era de tal forma doloroso que me marcou e posso afirmar que o lado humano e social sempre me acompanhou. Já quando estou a tirar Arquitetura com o mestre Lagoa Henriques o meu trabalho de sociologia foi sobre os bairros de barracas.

O seu interesse pela habitação é algo que vem de trás. Como desenvolveu ou porque desenvolveu essa paixão?

Creio que tem muito a ver com a minha história pessoal. Embora venha de uma família que não sendo rica não tinha as dificuldades dos muitos que viviam perto de mim e que eram meus colegas de escola. Por isso, conheci bem a realidade dos mais desfavorecidos e isso criou em mim uma vontade de ajudar. Ou se quiser, alertou-me para outra realidade distinta da minha.

Gisela Duarte coordinates the Poets' Park Support Department. Before this she headed the Housing and International Relations Departments. An architect by training, she has worked in such diverse fields because if there is anyone who is not afraid of embracing different causes, that person is Gisela Duarte. She knows what she wants and doesn't want. She fights with every fibre of her being for what she believes in. She lives in a state of frenetic energy that has not slowed with the passage of time. She says that she has already "made her bones". Age has not withered her. Nor weakened her. She is genuine and everyone has an opinion about her: she is either loved or hated. She does not go unnoticed. Nor does she wish to. She says that she sleeps well because it is the only time when she rests, but as soon as she wakes up she immediately returns to her habitual quick pace. Even though she might appear cold to some, when she talks about her children, about her grandchild who is on the way and about her father, oh her father, her eyes fill with tears because she doesn't "know if they know how much I love them". Well, if they didn't know, they do now. Here we have Gisela Duarte, the architect, in her own words:

Where were you born?

I'm a native. I was born in Linda-a-Pastora in the district of Oeiras. My family has lived in this area for several generations.

So you witnessed the initial evolution of this district, not just as a municipal official but also as a local resident?

Yes, and I witnessed things that enriched my life. For example, in primary school I had classmates whom I met later in life as residents of shanty towns to whom the municipality provided housing. These are experiences you never forget and which have an indelible impact on us.

Even though this must have been very satisfying, since you were involved in promoting social housing, wasn't it very painful at the same time?

It was so painful that it marked me for life and I can state that the human and social side of this was always present at the back of my mind. Even when I was studying architecture with Lagoa Henriques my sociology project was about the shanty towns.

You have been interested in housing for a long time. How or why did this become a passion with you?

I think it had a lot to do with my personal life. I come from a family that, even though we are not rich, we did not face the difficulties I witnessed many people living near us face, even people who were my colleagues at school. Hence I was well aware of the conditions in which the underprivileged live and I wished to help. Or rather it drew my attention to situations that were different from my own.

But this doesn't have anything to do with architecture, why didn't you study something linked to social action?

I decided to study architecture because I liked art. Ever since I was a child I had what is commonly known as "magic hands", hence I liked to do small things, from embroidery to tailoring, and without much training.

Mas essa realidade nada tem a ver com arquitetura, senão tiraria algo ligado à ação social.

A opção por arquitetura tem a ver com o meu gosto pelas artes. Desde miúda que tenho aquilo a que comumente chamamos ‘umas mãos de fada’, portanto gostava de fazer pequenas coisas, desde bordar, costurar e sem grandes ensinamentos.

Tinha uma aptidão natural.

Sim, era isso. E paralelamente sempre tive muito jeito para o desenho de tal forma que nem quis ir para o liceu. Quis, desde muito nova, ir para as escolas técnicas. E fui para a escola técnica Paula Vicente com nove anos e quando chegou a altura de mudar, e quando quase toda a gente ia para o curso industrial ou comercial, eu digo ao meu pai que quero ir para a escola de artes António Arroio.

E o pai deixou?

Tive a família toda contra, porque a António Arroio era uma escola de má fama e só consigo ir para esta escola graças ao meu pai que sempre foi uma pessoa à frente do seu tempo. E atenção porque eu vou para a António Arroio com 11 anos. Era uma miúda.

E para que curso vai?

Para o de pintura. E faço-o até ao fim para depois poder entrar em Belas Artes e consequentemente em Arquitetura. O meu percurso foi muito norteado pelas artes.

Mas quando é que estando dentro das artes achou que era na arquitetura que estava a sua profissão?

Quando me deparo com a geometria descritiva. Foi a disciplina que fez eco dentro de mim. Eu tive geometria descritiva desde a António Arroio, e com essa disciplina desenvolvo a minha arte a noção de espaço e também o espírito matemático. E tudo isto encontrei na arquitetura e se quer que lhe diga os arquitetos têm um tipo de formação e de conhecimento que não é tão estreito como outras profissões. Temos uma amplitude que nos dá a possibilidade de calcar caminhos muito interessantes e distintos.

Nessa altura uma mulher ir para arquitetura não seria muito normal.

No meu tempo já era, já tive algumas colegas mulheres, mas por exemplo, na minha família eu fui a primeira mulher a ser arquiteta. Aliás, posso ir mais longe se lhe disser que fui a primeira mulher arquiteta na câmara de Oeiras (risos).

Como chegou ate à câmara?

Eu acabo o curso em 1977 porque estava no terceiro ano quando se dá o 25 de Abril e o curso fica ali, uns tempos, parado. E quando acabo o curso, no ano de 1977, era muito complicado arranjar emprego sobretudo para quem, como eu, não se apoiasse aqui ou ali.

Tivesse cunhas?

Sim, claro. Quando se dá o 25 de Abril e eu fico sem aulas e resolvo ir dar aulas.

Curioso.

Pois, precisava de me ocupar para não ficar de braços cruzados. E então fui dar aulas para dois externatos particulares.

E que cadeira deu?

Educação Visual e Trabalhos Manuais. Foi um tempo giríssimo e gostava muito de ensinar mas como não era esse o meu objetivo de vida, assim que acabei o curso despedi-me de professora e a hipótese que tinha era de ir trabalhar para um GAT – Gabinete de Apoio Técnico.





You had a natural aptitude.

Yes, that's it. At the same time I was always good at drawing, to such an extent that I didn't want to go to high school. I wanted to join a technical school from a very young age. And I enrolled in the Paula Vicente technical school at the age of 9. When it was time to leave, when almost everyone was going to industrial or commercial courses, I told my father that I wanted to go to the António Arroio art school.

And did your father let you go there?

My entire family was against it, because the António Arroio school did not have a good reputation and I only managed to go to this school thanks to my father, who was always a man ahead of his time. And keep in mind that I went to António Arroio when I was 11 years old. I was a kid.

And what course did you choose?

I chose painting. And I continued with this course till the end, after which I joined the Fine Arts Faculty and consequently studied Architecture. My trajectory was greatly influenced by the arts.

But when was it that after having followed your passion for art you felt that architecture was to be your chosen profession?

When I came across descriptive geometry. That was the subject that struck a chord with me. I studied descriptive geometry from my days at António Arroio and it was thanks to this subject that I developed my art, the notion of space and a mathematical spirit. And I found all this in architecture. In truth architects are moulded by a type of training and knowledge that are not as rigid as other professions. We have a range that allows us to tread very interesting and diverse paths.

At that time it was not very normal for a woman to study architecture.

In my time it was already normal, some of my colleagues were women, but, for example, in my family I was the first woman to be an architect. In fact I can go even further and say that I was the first woman architect in the Oeiras Town Hall (laughs).

How did you join the town hall?

I graduated in 1977 because I was in my third year when the 25 April Revolution took place and the course was suspended for some time. When I graduated, in 1977, finding a job was very complicated especially for someone like me who did not have any kind of support.

You mean did not have personal contacts?

Yes, that's it. When the 25 April Revolution took place and my classes were suspended I decided to teach.

Curious.

Yes, I needed to keep myself occupied so that I wasn't just twiddling my thumbs. And so I went to give lessons at two private schools.

And what subject did you teach?

Visual Education and Manual Work. It was a fantastic period and I really enjoyed teaching but since that was not my objective in life, as soon as I finished teaching that course I quit being a teacher and my next professional opportunity was to go and work at a Technical Support Office.

And did you manage to do that?

Yes, I did, but I was posted quite far away, in Estremoz.

So you had to leave your mother's skirts for the first time?

That's right and I sobbed my heart out all the way there on the bus.

E conseguiu?

Sim, consegui só que fui para longe, fui colocada em Estremoz.

Pela primeira vez fora da saia da mãe?

Pois foi e por causa disso chorei baba e ranho na camioneta. Mas acabou por ser uma experiência muito gira. Como entretanto tinha concorrido para a câmara de Lisboa, de Oeiras e Cascais acabei por ser chamada para a Câmara de Oeiras. O que, como imagina, me deixou muito feliz.

E veio para Oeiras na altura em que o presidente era o Andrade Neves.

Exato, estávamos em 1979. Depois em 1980 é criada a Câmara da Amadora e inicialmente achei que seria um desafio muito interessante ir para uma câmara nova, com os desafios que isso acarreta. Mas depois como vivia em Paço de Arcos optei por não ir. E confesso que nunca me arrependi, nunca (risos). No fundo acho que intuí que Oeiras tinha todas as condições para tornar a minha estadia profissional aqui cheia de momentos e desafios interessantes.

Intuiu ou houve algo racional que a fez ter essa atitude?

Foram as duas coisas, por um lado intuí e por outro tive a percepção que Oeiras, com os terrenos disponíveis que tinha, poderia vir a desenvolver um trabalho muito interessante na área da habitação. Senti que este poderia vir a ser um território feito à mão. Que fosse aquilo que quem governasse e os técnicos que apoiassem quisessem que viesse a ser.

E tinha razão.

Tinha.

Como era o concelho nessa altura?

Tinha duas realidades opostas. Por um lado tínhamos o litoral completamente urbanizado mas não mais que um caminho entre Lisboa e Cascais, e um interior muito rural, agrícola com muito espaço livre e etc. E deu-se a volta por completo a esta dicotomia. Não somos mais um concelho de passagem. Mesmo quem não vive ou trabalha cá e, portanto, é insuspeito, diz que sabe perfeitamente quando se entra no concelho de Oeiras e quando se sai. As fronteiras estão bem definidas. E estão porque aqui respira-se qualidade.

Mas nessa altura, em que tinha acabado o seu curso de arquitetura não preferia ir trabalhar para um atelier em vez de estar numa autarquia a fazer trabalho que tanto podia estar em consonância com o seu curso como podia não estar?

Não porque senti que tinha essa possibilidade na câmara. Olhando para trás verifico que aqui tive a possibilidade de fazer projetos mas de fazer outras coisas também. Aliás, como dirigente desta autarquia tenho defendido que os técnicos que estão comigo não se cinjam unicamente ao trabalho administrativo. E sejam projetos ou não, sugiro sempre que façam trabalhos práticos que tenham a ver com a nobreza da sua profissão. E tenho esta postura até porque eu própria tive essa possibilidade na habitação. E acho isso muito importante, muito. Na Câmara consegui ter projetos nas mais variadas áreas desde urbanismo a edifícios de habitação, edifícios de equipamentos aos arranjos exteriores... Ou seja, não precisei de ir fora para ter um curriculum que me satisfizesse e orgulhasse.

Quando a arquiteta entra ou seja, na altura do Andrade Neves, sentiu que havia já uma ideia do que se queria para o concelho?

Não, nem com o Andrade Neves nem com o Silva Ramos. Não que não tivessem vontade, mas talvez não tivessem condições para isso. Em 1978 tinham sido criados os Serviços Municipais de Habitação, mas o que é certo é que houve sempre um núcleo, criado pelas Câmaras mesmo quando ainda eram comissões executivas, de apoio aos moradores em barracas. E não podemos esquecer as comissões de moradores que eram muito ativas, tais como por exemplo o SAAL, entre outros. E a Câmara possuía as equipas que tentavam fazer a ponte entre os projetos feitos pelo fundo de fomento e as comissões de moradores.

Até porque nessa altura as Câmaras não deveriam de ter nenhuma capacidade financeira para poderem fazer um trabalho visível e consistente no âmbito da Habitação Social.

Pois não, não tinham nenhum dinheiro. Entretanto são criados os serviços municipais de habitação que são o terceiro poder numa Câmara, nessa altura. E entretanto quando são criados os serviços de habitação, o Andrade Neves manda-me para lá. Ao início não me agradou a ideia. Não se faziam projetos e eu não queria estar fechada num sítio apenas a avaliar os projetos que vinham do Fundo de Fomento. Até porque ansiava poder exercer, dentro da Câmara, a minha profissão. Mas pronto, vou para os Serviços de Habitação, que remédio. Só em 1986 é que é criada a Divisão de Habitação. E desde os serviços técnicos até à fase de ser criado a divisão, foram tempos em que cada técnico pode pensar e estruturar de que forma se podia acabar com as barracas. Foram tempos de grandes planos internos. Cada um de nós pode absorver a situação em toda a sua complexidade, porque acabar com as barracas não bastava vontade política. Nesta fase tenho de falar numa pessoa que foi muito importante para todo o processo que foi o Arquiteto Amorim. É importante que se saiba que sempre houve intensão de se acabar com as barracas, e o arquiteto Amorim, que era Vereador do PS foi das primeiras pes-

But it turned out to be a wonderful experience. I had applied in the meanwhile for employment at the Lisbon, Oeiras and Cascais town halls and the Oeiras Town Hall called me, which, as you can imagine, made me very happy.

And you came to Oeiras at a time when Andrade Neves was the mayor.

Exactly, this was in 1979. Later, in 1980, the Amadora Town Hall was created and initially I thought that it would be a very interesting experience to go to a new town hall, with all the challenges that involved. But since I was living in Paço de Arcos I decided not to go. And I must confess that I have never regretted it, never (laughs). At heart I think I intuitively knew that Oeiras had all the necessary conditions to ensure that my professional career here would be full of interesting moments and challenges.

You intuitively knew or there was a rational reason that made you feel this way?

Actually, it was both things. On the one hand I had an intuitive feeling and on the other hand I was aware that Oeiras, with all the land that it had available, could develop very interesting projects in the field of housing. I felt that this could be a carefully developed territory. That it could be whatever administrators and supporting technical staff wished it to be.

And you were right.

Yes I was.

What was the district like at that time?

It had two contrasting realities. On the one hand we had a completely urbanised coast but no more than a single road between Lisbon and Cascais, and a very rural and agricultural hinterland, with a lot of empty space etc. And this dichotomy was overcome completely. We are no longer a district where people just pass through. Even those who do not live or work here and, hence, suspect nothing, say that they know perfectly well when they have crossed into the district of Oeiras and when they leave the district. The district's borders are well defined. And that's because here quality is visible everywhere.

But at that time, when you had finished your course in architecture wouldn't you have preferred to have worked in an architectural studio instead of being at a town hall doing work that might or might not be linked to your studies?

No, because I felt I had all those opportunities at the town hall. Looking back, I can see that here I had the chance to work on projects but to also do other things. In fact, as a manager in this district I have always defended that the technical staff who work with me should not limit themselves just to administrative work. Irrespective of whether they are working on projects or not I always suggest that they engage in practical tasks linked to their professions. I have this attitude because I myself was given this opportunity in the field of housing. I think this is very important, really. At the town hall I managed to work on projects in the most diverse areas, from urbanism to housing buildings, equipment infrastructure and outdoor restoration... In other words, I did not need to go outside to have a curriculum that satisfied me and filled me with pride.

When you joined the town hall, i.e. during the administration of Andrade Neves, did you feel that there was already an idea of what people wanted for the district?

No, not with Andrade Neves nor with Silva Ramos. Not that they did

soas a ter essa preocupação e mais, eu acho que se foi possível fazermos o PER (Programa Especial de Realojamento) foi porque este homem teve a coragem de se impor quando o PS quis parar com alguns programas de habitação, por questões políticas gerais. Ele fez com que a Câmara de Oeiras andasse para a frente com a expropriação de terrenos. Ele foi fundamental.

E as expropriações é que fazem com que se tenham terrenos suficientes para a implementação dos Bairros Sociais?

Sim, claro, eles tinham de ser feitos em algum sítio. E também nos permitiu ter uma certa ‘folga’ para sermos rápidos na concretização do nosso propósito. Se não tivéssemos estes terrenos, certamente que teríamos arranjado outra solução, mas tê-los ali à mão foi um grande impulso.

E para além desse aspeto importante e prático dos terrenos, como era em termos de recursos humanos?

Ainda bem que me pergunta isso, porque era uma equipa muito entusiasta, muito mesmo. Todos gostávamos do que fazíamos e fazíamos com grande ênfase e ânimo. Era um grupo coeso e embora não andássemos uns nas casas dos outros, nem nos visitávamos aos fins de semana, em termos de trabalho funcionávamos muito bem. Foram tempos muito interessantes.

Depois do Andrade Neves veio o Silva Ramos, o que mudou?

O Silva Ramos era um homem muito trabalhador, muito mesmo, mas na verdade ele não encontrou, nessa altura, as condições necessárias para levar a bom porto alguns trabalhos que mais tarde viemos a executar. Ele fez aquilo que achou que era possível e quando somos muito certinhos isso não nos permite dar o salto, não nos permite ir mais além.

Faltava-lhe alguma audácia?

Sim, creio que sim. Faltava-lhe audácia para ir por ali fora e levar uma série de gente atrás.

Em 1986 chega o presidente Isaltino...

E vislumbrou-se logo mudanças e essas mudanças fez-nos sentir que conseguiríamos ir mais à frente. Irmos mais longe.

Como assim?

Tínhamos uma colega que dizia: ‘ah, ele é um rapaz da nossa idade!’ (risos) e isso também foi importante. A garra própria da idade. O de não ter medo de arriscar. E desde logo disse: Eu quero um plano para acabar com as barracas.

E era de uma pessoa assim que estavam a precisar?

Era. O Presidente Isaltino veio na altura certa. Ele ainda nos apanhou entusiasmados. Ao fim de tantos anos podia dar-se o caso de quando ele chegou estarmos esmorecidos pelo facto de não termos conseguido andar muito para a frente. E embora se tenham feito algumas coisas, o grosso foi feito depois. Foram grandes lutas, mas valeu a pena.

E nessas lutas de que fala parece-me que nunca se esquivou a uma discussão se achasse que a mesma tinha de ser travada?

Não, nunca me esquivei. Aliás, sou conhecida pelo meu mau feito... (pausa) pois, dizem que tenho mau feito (risos), mas se acho que o certo é ‘aquilo’ defendo-o até ao fim. Mas sou capaz de defender com a mesma convicção aquilo que não é a minha razão mas que ficou acordado pelo poder político. Ou seja, também defendo aquilo que inicialmente não é a minha ideia.

not wish to, but perhaps they did not have the necessary conditions for this. The Municipal Housing Service was created in 1978, but in fact there had always been departments created by the town halls, even if just executive committees, to support residents living in shanty towns. And one cannot forget the residents’ committees, which were very active, such as for example the SAAL, amongst others. And the town hall had teams that tried to serve as a bridge between projects by the development fund and the residents’ committees.

Also because at that time the town halls must not have had the financial capacity to be able to implement visible and consistent efforts in the field of social housing.

That’s right, they did not have any money. In the meanwhile municipal housing services were created, which were the third power at town halls at that time. And when the housing services were created, Andrade Neves sent me there. In the beginning I didn’t like the idea. We weren’t doing any projects and I didn’t want to be in one place just assessing the projects promoted by the Development Fund. Also because I wanted to pursue my profession within the town hall. But I went to the Housing Services because there was no option. The Housing Department was created only in 1986. And from the time of the technical services to the phase of the department being created it was a period in which every technical staff member could think and structure ways of putting an end to the shanty towns. It was a period that witnessed a lot of brainstorming within the town hall. Each of us were able to absorb the situation in all its complexity, because just political will was not enough to put an end to the shanty towns. I must mention a person who was very important at the time for the whole process, who was Architect Amorim. It is important that people know that there had always been plans to do away with the shanty towns and Architect Amorim, who was a councillor from the Socialist Party (PS), was one of the first people to be concerned with this and, moreover, I think that if we were able to implement the PER (Special Re-housing Programme) it was because this man had the courage to take a stand when the PS wanted to put an end to some housing programmes for general political reasons. He ensured that the Oeiras Town Hall proceeded with the acquisition of land. He played a fundamental role.

And the land was acquired so as to have sufficient land to implement the social housing projects?

Yes, of course, they had to be built somewhere. And it also allowed us to have a certain ‘second wind’ to quickly achieve our objective. If we had not had those lands we would no doubt have found another solution, but having them there handy provided a great impetus.

Apart from this important and practical aspect of the land, what was it like in terms of human resources?

Just as well you asked me that, because it was a very enthusiastic team, really very enthusiastic. We all liked what we were doing and we did it with great dedication and spirit. It was a close-knit group and even though we didn’t visit each other at home or meet up on weekends in terms of work it functioned very well. Those were very interesting times.

After Andrade Neves the next mayor was Silva Ramos, what changed?

Silva Ramos was an extremely hardworking man, very hardworking indeed, but in truth he did not have at the time the necessary conditions to implement some projects that we implemented later. He did what he thought was possible and when one does everything within boundaries it does not enable one to take a leap, it does not allow you to go beyond.



Sendo uma mulher que se entrega de forma tão intensa ao seu trabalho, como conseguiu e consegue conciliar com a sua vida profissional?

Dediquei-me sempre muito, é um facto. Como diretora da Habitação era a primeira a chegar e a última a sair e muitas vezes vinha trabalhar ao fim de semana. Primeiro de tudo tenho uns filhos excelentes.

Quantos filhos tem?

Dois filhos e vou ser avó (risos). Vou ser avô de um João. Ambos médicos e ambos bons alunos sem nunca me darem preocupações de maior.

Nenhum seguiu as pisadas da mãe?

Não, embora a minha filha tenha estado inclinada, mas acabou por optar por medicina, e fez bem. Sempre entenderam o meu trabalho, a minha dedicação e sinto que têm uma grande admiração por mim. Por isso, conciliar a vida familiar com a profissional com filhos como os meus é, realmente, uma tarefa facilitada. Tive, também, apoio por parte dos meus pais e sogros que estiveram sempre presentes e disponíveis para o que precisássemos. Não posso, no entanto, esquecer que planeei a minha vida para ter essa parte mais facilitada porque sempre vivi em Paço de Arcos, depois de casar, que fica a dois passos daqui, do meu trabalho. E tive convites para ir trabalhar para Lisboa que recusei por não querer ficar mais longe da família.

He lacked audacity?

Yes, I believe so. He lacked the audacity to go out there and to take people along with him on the journey.

In 1986 Mayor Isaltino arrived on the scene...

And changes were immediately glimpsed and those changes made us feel that we could make progress. Go further.

What do you mean?

We had a colleague who used to say: ‘Ah, he’s a lad of our age!’ (laughs) and this was also important. It was a youthful spirit. Unafraid to take risks. And he immediately said: I want a plan to put an end to the shanty towns.

And you needed to have someone like this?

Yes. Mayor Isaltino came at the right time. He caught us when we were still enthusiastic. At the end of so many years we could have wilted because we had not managed to make much progress. And although some things had been done, most of it was done later. It was a huge struggle but it was worth it.

And during these struggles you mentioned it seems to me that you never avoided a battle if you believed that the battle had to be fought?



No, I never avoided confrontation. In fact, I'm renowned for my bad temper ... (pause) well people say that I have a bad temper (laughs), but if I think that something is right I defend it to the end. But I am capable of defending something that I didn't come up with but which has been agreed with the political authorities with the same conviction. In other words I also defend things which were initially not my idea.

Being a woman who works so intensely at your job how did and how do you manage to reconcile your professional and personal life?

I have always dedicated myself intensely to my work, that's a fact. As the Housing manager I was the first to arrive and the last to leave and very often I used to work on weekends. First and foremost I have wonderful kids.

How many children do you have?

I have two kids and I'm going to be a grandmother (laughs). I'm going to be grandmother to a baby named João. Both my kids are doctors and both were good students who never caused me great concerns.

Neither of them decided to follow in their mother's footsteps?

No, although my daughter was inclined to do so, but she ended up by opting for medicine and it was the right decision. They have always understood what my job entails and my dedication and I think they admire me for it. Hence balancing my personal and professional life with children like mine was relatively easy. I also had a great deal of support from my parents and my parents-in-law who were always available and ready to help when needed. However, I must mention that I planned my life so that this area was easier because I always lived in Paço de Arcos after my marriage, which is very close to my workplace. I had offers to go and work in Lisbon, which I refused because I did not want to be far from my family.

Going back, what did you do after housing?

While I was working in housing, where the objective was to finalise the PER, all the programmes to achieve this end were launched. During that time I had to become very familiar with the families living in the district who were originally from Portuguese Speaking African Nations (PALOP) and, on the other hand, I gained a lot of skills in terms of preparing applications for funding programmes, as was the case of the PER. These skills were later used in the context of EU funds. Hence I went to work in an area that encompassed the knowledge I already had and the relationships I obtained working in the PALOP universe and my capacity to prepare applications, in other words I went to work in the field of International Relations.

And did you like it?

I did even though it was an area that was a bit different from all the rest. But it was an area that gave me the opportunity to intervene, through applications, at the heart of a community. Also because the applications were not essentially financial. It was necessary to be aware of this when we applied to a fund.

But your professional career grappled with a new challenge after International Relations?

Yes it did, it never stopped (laughs), because the mayor invited me to coordinate the new support office for the Poet's Park. We managed to get approval for the project in 1994 (?). This was after a tough struggle because it was difficult to arrange funds for such a project. We built the first phase with a funding application at a time when this was still

Voltando atrás, e depois da habitação?

Enquanto estive na habitação onde o propósito era finalizarmos o PER, foram lançados todos os programas para fazermos esse percurso. E durante esse tempo tive de desenvolver um grande conhecimento das famílias residentes no concelho de origem dos PALOP, e, por outro lado, adquiri capacidades para elaborar candidaturas aos programas de financiamento, como foi o caso do PER, e que eram aplicados aos fundos comunitários. Portanto, fui trabalhar para uma área que englobava os conhecimentos que tinha e relações que obtive com os PALOP e a capacidade em elaborar candidaturas, ou seja, fui para Relações Internacionais.

E gostou?

Gostei embora tenha sido uma área um pouco diferente de tudo o resto. Mas era uma área que me dava oportunidade de intervir, com as candidaturas, no cerne de uma comunidade. Até porque as candidaturas não são essencialmente financeiras. É preciso ter-se consciência disso quando nos vamos candidatar a um fundo.

Mas a sua vida profissional ainda vai conhecer novo desafio após as Relações Internacionais?

Pois vais, isto nunca para (risos), porque o presidente convidou-me para coordenar o novo Gabinete de apoio ao Parque dos Poetas. Em 1994 (?) conseguimos a aprovação do projeto. Depois de muita luta porque é difícil arranjar dinheiro para obras deste tipo, construímos a primeira fase com uma candidatura de financiamento numa altura em que ainda havia essa possibilidade. Conclusão, a 1ª fase é inaugurada e começa-se a fazer a segunda fase.

Quando é que se dá o início da 2ª fase?

Em Abril de 2010.

O que lhe transmite esta obra, que é tão distinta de tudo o que já fez?

Esta obra tem, acima de tudo, o mérito, e este mérito tem o Dr. Isaltino, de transformar este Parque Urbano numa homenagem à poesia. Coisa nunca feita com esta dimensão. Uma dimensão que veio enriquecer a zona norte de Oeiras. E não só, porque o Parque dos Poetas extravasa para o resto do concelho, para os concelhos limítrofes e mais ainda, por ser tão distinto de tudo o que já se fez. É uma obra única.

Essa extensão é também sinonimo de grandes custos de manutenção.

As pessoas nem pensam nisso, mas realmente é difícil de gerir. Mas não podemos pensar nisso só para os Parque dos Poetas porque todo o espaço público tem custos de manutenção. E isto é importante de realçar porque o espaço público é de todos, mas a forma como muitos o tratam parecem esquecer-se que não só custaram dinheiro como continuam a custar ao longo do tempo. E são custos que todos nós temos de pagar. E às vezes não pensamos nisso e descuramos. Porque achamos que temos direito a ele, mas tratamos como se não fosse de ninguém. As pessoas acham que têm o direito de usufruir, mas não de o tratar como seu.

Quando pensa que a 2ª fase do Parque dos Poetas esteja concluída?

A segunda fase estará concluída no fim de 2013.

E depois o que pensa fazer?

Não sei, ainda há tanto para fazer. Arranjo sempre coisas para fazer, sempre. Atualmente também tenho um desafio muito interessante que o Presidente me pediu que é apoiar a Câmara da Boavista porque eles vão fazer o seu plano de Habitação. E vou ajudá-los no que souber e puder, o que muito me agrada.

Estando ligada ao Parque dos Poetas de que forma é que acha que a Arte Urbana ou Arte Pública é importante na vida das pessoas?

Ao longo dos séculos provou-se que a arte sempre foi importantíssima para as sociedades. Nós começamos por estudar as civilizações através das manifestações artísticas que eles deixaram. Os artefactos são manifestações artísticas. Relativamente à Arte Pública há quem afirme que toda a Arte é pública, porque se a arte for feita mas não for vista pelo público acaba por ser unicamente algo do foro privado. A Arte Pública contemporânea, que é aquela que nos interessa, é a que está acessível às pessoas. É num certo sentido a arte democraticamente entendida para todos: para quem a vê, para quem pode estar com ela, para quem se cruza com ela. Quanto mais as pessoas comuns esbarrares com a Arte Pública no seu quotidiano, mais sensíveis são e ficam à arte.

Mesmo que não sejamos sensíveis a ela?

Sim, até porque parece-me que o primeiro propósito da arte que é colocada num espaço público é que se fale dela, mesmo que se fale mal. Colocar as pessoas a discuti-la, tentar perceber o que cada um acha de uma peça ou outra. Aqui no Parque dos Poetas aquilo que se passa é que são esculturas, sendo que a escultura é diferente daquilo que é a estatuaría, (a estatuaría é uma parte da escultura e é a representação do natural) e a escultura como arte pública é aquela que no fim representa alguma coisa, que faz com as pessoas a sintam diretamente, a possam apalpar, tocar.

A estatuaría como monumento evocativo é aquilo que se passa no Parque dos Poetas?



possible. After it was concluded, the first phase was inaugurated and then we embarked on the second phase.

When did you begin the second phase?

In April 2010.

How do you view this project, which is so different from everything you have done in the past?

This project has, above all, the merit (and this merit is due to Mayor Isaltino) of transforming this Urban Park into a homage to poetry. Nothing had ever been done on this scale. It has enriched the northern area of Oeiras. And not just this area, because the Poets' Park also enhances the rest of the district and neighbouring districts and, apart from this, it is so different from everything else that has been done. It is a unique project.

This scale is also synonymous with high maintenance costs.

People really don't think about this aspect but actually it is difficult to manage. But we can't say this just with regard to the Poets' Park because all public spaces have maintenance costs. And it is important to highlight this because public spaces belong to all of us, but the way that many people treat them they forget that not only did these spaces cost money but that they continue to cost money over the course of time. And these are costs that all of us have to pay. And sometimes we don't think about this and we neglect public spaces. Because we think that we are entitled to these spaces, we treat them as though they do not belong to anyone. People think they have the right to use a space but don't have to treat it like it belonged to them.

When do you think that the second phase of the Poets' Park will be concluded?

The second phase will be concluded at the end of 2013.

And after that what do you think you will do?

I don't know, there is so much to do still. I always find something to do, always. I currently have a very interesting assignment ahead, since the mayor has asked me to provide support for the Boavista Town Hall because they are about to prepare their Housing plan. And I will help them to the best of my abilities, which makes me very happy.

Being linked to the Poets' Park in what way do you think that Urban Art or Public Art is important in people's lives?

Over the course of centuries it has been proved that art has always been extremely important for societies. We begin studying



Não, porque cada estátua vive da interpretação daquilo que cada um vê ao olhar para cada estátua. Há ali uma certa interpretação, por exemplo a estátua do Mário de Sá Carneiro.

A que tem a cabeça tombada?

Exato, porque é que o escultor o colocou de cabeça tombada? A minha interpretação é porque o Mário de Sá Carneiro se suicidou. Há alguns abstracionismos ligados à figura. E a riqueza do Parque dos Poetas é que ele vai ter, no fim, as correntes escultóricas do fim do século passado e início deste. Arte Pública é, por exemplo, o Monumento de Comemoração dos 250 anos do Município, do Pedro Cabrita Reis. Este é Arte Pública sem pôr nem tirar. Voltando ao Parque dos Poetas, ali a interpretação vai mais longe que o simples objeto escultórico, porque o arranjo floral adjacente a cada estátua também conta uma história. Quando estamos perante o Vitorino Nemésio, temos as hortensias dos Açores e assim sucessivamente. Em cada uma das folhas há a intervenção de um artista plástico e do paisagista.

Há no Parque dos Poetas alguma estatua que goste especialmente?

Acho imensa piada ao Sá carneiro. Acho que no tipo de expressão do Francisco Simões é aquela que tem um significado onde a sua leitura não é tão direta. O facto de estar com a cabeça caída quer dizer que se suicidou, que desistiu da sua posição vertical. É muito interessante olhar para ela e entende-la.

Sei que está com dores de costas porque passou o dia de ontem (feriado) a jardinar, é esse o seu hobbie principal?

Acima de tudo gosto de estar com a minha família. É o que vale a pena na vida. Depois gosto de jardinar, fazer tricot, costura e agora esperar ansiosamente pelo meu neto João (risos).

E agora que vai ser avó assusta-a envelhecer?

Não, não mesmo. Aquilo de que tenho medo é a dependência física de outrem. Sabe, só vergarei no momento em que sentir que estou dependente de alguém... (pausa), só aí vergarei. E só de pensar em alguém a cuidar de mim, com o feitio que eu tenho! (risos) }

civilisations through the artistic manifestations that they left behind for posterity. Artefacts are artistic manifestations. With regard to public art there are those who affirm that all art is public, because if art was produced but was not seen by the public it ends up by being something that falls solely within the private realm. Contemporary Public Art, which is what is of interest to us, is art that is accessible to people. In a certain way it is art in a democratic sense for everyone: for those who see it, those who can spend time with it, for those who stumble upon it. The more ordinary people interact with Public Art during their everyday lives the more aware they are and the more aware they become about art.

Even if we are not sensitive to art?

Yes, even because it seems to me that the foremost purpose of art that is placed in a public space is that it should be talked about, even if people speak badly of it. It's important that it gets people to discuss it, trying to understand what each person thinks of one artwork or another. Here in the Poets' Park what happens is that they are sculptures. Sculptures are different from statues (statues are a part of sculpture and a natural representation of something) and sculpture as public art is art that essentially represents something, it enables people to feel it directly, it is something they can feel and touch.

Are the statues in the Poets' Park evocative monuments?

No, because each statue can be seen differently by whoever is looking at the statue. There is a certain element of interpretation there, for example, the statue of Mário de Sá Carneiro.

The statue depicted with its head to one side?

Exactly, why did the sculptor choose to depict him with his head to one side? My interpretation is that it is because Mário de Sá Carneiro committed suicide. There are some abstract elements linked to the figure. And the richness of the Poets' Park is that it will have after all sculptural currents from the end of the last century and the beginning of this century. Public Art is, for example, the monument commemorating the 250 years of the municipality's existence, by Pedro Cabrita Reis. This is Public Art without adding or subtracting anything. Coming back to the Poets' Park, here the interpretation goes beyond a simple sculptural object, because the floral arrangements adjacent to each statue also tell a story. When we are standing before Vitorino Nemésio, we have hydrangeas from the Azores and so on. Every leaf in the park reflects the intervention of a plastic artist and a landscapist.

Is there any statue in the Poets' Park that you like particularly?

I really like the statue of Sá Carneiro. I think that the expression Francisco Simões achieved has a meaning that cannot be read directly. The fact that he is depicted with his head to one side means that he committed suicide, that he gave up his vertical position. It is very interesting to look at the statue and understand it.

I know that your back is aching because you spent the entire day yesterday (a national holiday) gardening, is that your main hobby?

Above all else I like to be with my family. That is what is really worth the most in life. After that I like to garden, knit, sew and now I am anxiously awaiting the arrival of my grandson João (laughs).

And now that you are going to be a grandmother are you scared of growing old?

No, not at all. What I am scared of is being physically dependant on other people. You know, I will only throw in the towel when I feel that I am dependant on others (pause) it is only then that I will throw in the towel. It's just the thought of someone having to take care of me, with my bad temper! (laughs) }

Es
pe
cial
SPECIAL

ARTE URBANA

A NOSSA ARTE
URBAN ART, OUR ART

Texto . Text Carla Rocha
Fotografias . Photos Carmo Montanha



Es
pe
cial

SPECIAL

Quando a Maria saiu do trabalho em direção a casa e, sem saber como, reparou num **trio de cavalos** que pareciam vivos e a galopar sem, no entanto, saírem do mesmo sítio, em Paço de Arcos, teve de estacionar o carro. Foi interpelada pela obra que nem sabia classificar. Apenas olhava. Não fazia ideia há quanto tempo os cavalos ali estavam. Na verdade só naquele dia os viu e depois, nunca mais deixou de os ver.

When Maria left her place of work and headed home, suddenly, without quite knowing how, she noticed a trio of horses that seemed alive and were galloping, even though they never left that spot in Paço de Arcos. She felt compelled to stop and park the car. She had been entranced by a work that she didn't even know how to classify. She just stared at it. She had no idea how long those horses had been there. In truth she had only seen them that day and after that day she never stopped seeing them.



AUGUSTO CID

Obra escultórica **Cavalos ao Vento** situado na Praça do Parque das Cidades

Sculpture entitled "**Horses in the Wind**" situated in the Parque das Cidades square

**PEDRO CABRITA REIS**

Conjunto escultórico evocativo
dos 250.º aniversário do Município
de Oeiras

Set of sculptures to commemorate
the 250th anniversary of the Oeiras
Town Hall

Serve esta pequena história para ilustrar o quanto pode a arte urbana entrar na nossa vida. O quanto pode retirar-nos do bucolismo diário e suscitar-nos, num dia normal, reações que de outra forma não viveríamos.

A Arte Urbana depara-se-nos como uma amiga, algo que estando ali nos pode dar ou criar emoções. Ou então, simplesmente fazer-nos pensar ou, até mesmo, reclamar. A importância da Arte Urbana no quotidiano é, também, ditada pela mesma importância da arte nos tempos idos: marcam uma forma de viver, marcam uma sociedade. Como afirma a arquiteta Gisela Duarte na entrevista que a esta publicação deu: «Ao longo dos séculos provou-se que a arte sempre foi importantíssima para as sociedades. Nós começamos por estudar as civilizações através das manifestações artísticas que eles deixaram. Os artefactos são manifestações artísticas». Temos a arte como meio de leitura de toda uma realidade que pode ir para além da interpretação do artista plástico.

Depois, a arte como objeto que cria emoções. Olhar e interpretar. Interpretar e olhar. A Arte Urbana que coexiste no mesmo espaço físico que o nosso e que quase nos questiona, quase nos fala. A Arte Urbana, nos dias de hoje, manifesta-se aos mais variados níveis: arquitetónico, estatuária, espaços verdes, grafitis entre muitos outros. Todas as manifestações de arte na urbe são Arte Urbana e pretendem retirar emoções, contemplações, explicações por parte da população, ou simplesmente pretende existir no mesmo espaço que o nosso.

This small story serves to illustrate how urban art can become a part of our lives. How it can provide an escape from our daily routines and even on a perfectly normal day arouse reactions in us that we would not have experienced otherwise. Urban art is almost like an old friend, something that can arouse or create emotions in us just by being there. Or otherwise, it simply makes us think or even complain.

The importance of urban art in our everyday lives is also dictated by the importance of art in times past: artworks characterise a way of living, they characterise a society. As the architect Gisela Duarte affirms in an interview published in this issue: "Over the course of centuries it has been proven that art has always been extremely important for societies. We begin studying civilizations through the artistic manifestations they left behind for posterity. Artefacts are artistic manifestations". We have art as a means of interpreting an entire reality, which can go beyond the interpretation by the plastic artist.

Then, art can be seen as an object that creates emotions. Looking and interpreting. Interpreting and looking. Urban art co-exists in the same physical space as we do and almost questions us, almost speaks to us. Nowadays, urban art is manifested at the most diverse levels: architecture, statues, green spaces and graffiti, amongst many others. All manifestations of art in urban areas are Urban Art and they seek to arouse emotions, inspire contemplation, elicit explanations by the population, or simply seek to exist in the same space as we do. We are totally convinced of the need for urban art and culture amidst the

Temos a total convicção da necessidade da presença da arte urbana e da cultura nas atuais dinâmicas de desenvolvimento de qualquer território ou setor de atividade. A intervenção artística transforma a realidade dando-nos uma outra, quiçá mais rica. Como seria a rua Afonso Pala sem a **Ronda do Dia**? Não farão parte dos que por lá caminham diariamente aqueles homens e mulheres de pedra? Não se mistura, na perfeição, a realidade com a arte transformando o quotidiano? Não transforma a Arte Urbana a paisagem existente dando lugar a uma nova paisagem? Como afirma o presidente da Câmara de Oeiras:

«Na verdade, num cenário de espaço público, a intervenção artística, ao perpetuar-se, esbate-se no quotidiano da paisagem urbana tornando a obra de arte numa espécie de matéria viva no dia-a-dia da cidade».

O que motiva a arte urbana? Mais uma vez o Dr. Isaltino Morais afirma: «as obras não são colocadas na rua, no exterior, apenas para tornar os espaços mais bonitos. A arte que é posta 'cá fora' é também um convite à reflexão».

Em Oeiras, a realidade da paisagem natural mistura-se, na perfeição, com uma realidade criada pelos mais diversos artistas plásticos. E que realidade é esta? É a realidade construída por 87 obras escultóricas dispersas um pouco por toda a parte. Olhando para o litoral, como seria ele sem o Mergulho da Baleia? Ou sem a Nave Visionista? Diferente, certamente, mas não este que atualmente temos. Criar uma paisagem sobre outra paisagem, criar nos transeuntes emoções, criar opiniões ou discussões, falar, falar, falar das obras ou simplesmente

current dynamics for developing any territory or sector of activity. Artistic intervention transforms reality, providing us with another – and perhaps far richer – reality. What would the Rua Afonso Pala street look like without those figures taking their "Daily Stroll"? Aren't those men and women hewn from stone part of the daily lives of the people walking through those streets? Don't they perfectly blend reality with art to transform our everyday lives? Doesn't urban art transform the existing landscape, giving rise to a new landscape? As the mayor of Oeiras affirms: "In truth, in a public setting, artistic intervention is an enduring heritage and blends into the urban landscape, transforming a work of art into a kind of living element in the city's everyday matrix".

What motivates urban art? To once again quote Dr. Isaltino Morais: "The works aren't placed on the street, outdoors, just to make the spaces more beautiful. The art that is placed 'outside' is also an invitation for reflection".

In Oeiras, the natural landscape blends perfectly with a reality created by the most diverse plastic artists. And what reality is this? It is a reality created by 87 sculptures scattered all over. Looking at the shoreline, what would it look like without the "Diving Whale"? Or without the "Visionary Ship"? Different, certainly, but it would not be the waterfront we currently have. Creating a landscape over another landscape, creating emotions in passersby, creating opinions or discussions, talking,



ANTÓNIO QUINA

Obra escultórica **A Ronda do Dia**
Sculpture titled "Daily Stroll"

contempla-las é o objetivo nobre quando pensamos numa obra, num artista plástico e num sítio onde a colocar. Este trio é pensado em prol dos munícipes ou de quem nos visita. São também as obras pontos de referência. Quem não conhece a fonte com as **Aves Migratórias** bem à entrada de Oeiras norte? Ou quem não referencia o Parque dos Poetas como espaço máximo de lazer?

E depois quem convidamos para simular/alterar esta nossa paisagem quotidiana?

Não será fácil encontrar um município que tenha conseguido agregar à sua volta, esculturas produzidas por nomes tão prestigiados como o Soares Branco, João Cutileiro, Óscar Guimarães, Augusto Cid, Martins Correia, Joaquim Correia, José Nuncio, Espiga Pinto, Aida Sousa Dias, Maria Morais, Antonieta Roque Gameiro, Luís Vieira Baptista, Hélder Baptista, Pedro Cabrita Reis, Francisco Simões, Rogério Timóteo entre outros.

Cada obra retira de cada um de nós emoções ou reações distintas. Ora está aí a maior riqueza da Arte Urbana que cria tantos pensamentos quantas pessoas para ela olham e interpelam. Uma riqueza que, em dias de crise, está ao alcance de todos, os ricos e pobres.

Que democrática é esta forma de dar a conhecer uma cultura construída pelas mãos mais capazes do nosso panorama artístico!

talking, talking about the works or simply contemplating them is the noble objective when we think of a work, a plastic artist and a site where to place the work. This trio of elements is carefully considered to benefit residents of the municipality or visitors. The works are also reference points. Who is not familiar with the "Migratory Birds" fountain right at the entrance to North Oeiras? Or who does not immediately associate the Poets Park with being an outstanding space for leisure?

And who did we invite to simulate /alter our everyday landscapes?

It would be hard to find a municipality that has managed to concentrate sculptures built by names as renowned as Soares Branco, João Cutileiro, Óscar Guimarães, Augusto Cid, Martins Correia, Joaquim Correia, José Nuncio, Espiga Pinto, Aida Sousa Dias, Maria Morais, Antonieta Roque Gameiro, Luís Vieira Baptista, Hélder Baptista, Pedro Cabrita Reis, Francisco Simões and Rogério Timóteo, amongst others.

Each work arouses different emotions or reactions in each one of us. That is the greatest wealth of urban art, which creates as many thoughts as the number of beholders. Wealth that even in periods of economic crisis is within the reach of one and all, rich and poor alike.

This form of showcasing culture, created by the most talented fingers of our national artistic panorama, is truly democratic!



ÓSCAR GUIMARÃES

Obra escultórica **Aves Migratórias**
Sculpture titled "**Migratory Birds**"



Aida Sousa Dias

Diálogo no Nilo

1988 - Fundação Marquês de Pombal

Marquês

1990 - Fundação Marquês de Pombal

▶ *Sereia*

1995 - Piscina Oceânica

Últimas Leituras

1997 - LGM Verney

Linda-a-Pastora (conj. escultórico com 10 elementos)

2009 - Entre a Rua Almada Negreiros e a Rua Cesário Verde, Queijas



Augusto Cid

Mergulho da Baleia

2001 - Junto ao passeio Marítimo, na zona da Piscina Oceânica, Oeiras

▶ *Cavalos ao Vento*

2008 - Estrada de Paço de Arcos (junto aos serviços técnicos da CMO)

Antonieta Roque Gameiro

O Medo ◀

1999 - LGM Verney



António Quina

▶ *Ronda do Dia*
(conjunto escultórico com 15 elementos)

1993 - Rua Major Afonso Pala, Algés.

Carlos Henrich

Família ◀

1994 - Bairro Social da Encosta da Portela, Outurela



Espiga Pinto

Espírito Desportivo

1989 - Paços do Concelho

Monumento ao Dr Francisco Sá Carneiro

1993 - Largo Quinta do Jardim, Bairro Dr. Francisco Sá Carneiro, Laveiras

▶ *A Dama e o Cisne*

1995 - Jardim Almirante Gago Coutinho, Santo Amaro de Oeiras

A Lenda de Linda-a-Velha

96/97 - Jardim dos Plátanos, Linda-a-Velha

Cisne

2009 - Parque Urbano Professor Francisco Caldeira Cabral, Miraflores



António Trindade

▶ *Homenagem aos Campeões de Hóquei em Patins de Paço de Arcos - Emídio Pinto, Correia dos Santos e Jesus Correia*
(conj. escultórico c/ 3 elementos)

1997 - Praceta Dionísio Matias, Paço de Arcos

Janela - Unidos

1980 - Paços do Concelho

Janela com Pomba

1980 - LGM Verney

Francisco Simões

Vagas Verdes

1994 - Área de serviço de Oeiras na A5 no sentido de Cascais - Lisboa

David Mourão-Ferreira ◀

1997 - LGM Verney (pátio)

S. Miguel Arcanjo

1999 - Rotunda de Queijas

Maestro César Batalha

2000 - Rua Cândido dos Reis, junto ao edf.

Gabinete de Comunicação

20 Obras no Parque dos Poetas

Parque dos Poetas

Reverendo Padre Martins

2007 - Largo da Igreja (Oeiras)

Os doutores da Igreja



Pedro Cabrita Reis

▶ *Homenagem aos 250 anos do Município de Oeiras*

Helder Batista

Sentinela Vigilante ◀
2011 - Rotunda junto aos SMAS



Helena Gonçalves

▶ *Encontro*
1995 - Escola Secundária
ebastião e Silva, Oeiras
José Sebastião e Silva
2002 - Escola Secundária
Sebastião e Silva, Oeiras



José Nuncio

Memória de um Rosto
1996 - LGM Verney
David Mourão-Ferreira
1997 - LGM Verney
Jogo do Galo
1997 - Quinta do Marquês, Oeiras
Madre Maria Clara
1999 - Linda-a-Pastora
▶ *Liberdade*
2001 - Centro Cívico de Carnaxide

João Cutileiro

s/ título ◀
1993 - Área de serviço de Oeiras
na A5 no sentido de Lisboa-Cascais



Joaquim Correia

Amizade Luso-Brasileira
1980 - Largo Almirante Gago Coutinho, Oeiras
Monumento ao Actor José de Castro
1986 - Praça 5 de Outubro, Paço de Arcos
Marquês de Pombal
1999 - Paços do Concelho
Marquês de Pombal
1999 - Rotunda da Quinta do Marquês, Oeiras
Eunice Muñoz
1996 - Auditório Municipal Eunice Muñoz, Oeiras
▶ *Ícaro*
2001 - unto às oficinas do Espargal
Monumento a M^ª Teles Mendes
2003 - Paço de Arcos (Junto à estação da CP)



Luís Cruz

Seis Secretos Segredos (conj. escultórico c/ 6 elementos)
1994 - Quinta de Santo António, Miraflares
St^a Catarina de Sena
2000 - Jardim de St^a Catarina, Linda-a-Velha
▶ *Homenagem ao Bombeiro*
2002 - Quartel dos Bombeiros, Linda-a-Velha

João Fragoso

S. João de Deus
1943 - Hospital-Prisão Caxias



José João Brito

▶ *Monumento Comemorativo
dos 200 anos dos do Colégio Militar*
2003 - Junto à Feitoria do Colégio Militar,
Oeiras

Luis Vieira-Baptista

Novos Mundos ao Mundo irmão Mostrando
(em conjunto com Julio Quaresma e Velhó)
1991 - Palácio Anjos
Golfinhos no Tejo
(em conjunto com Victor Lajes,
Gustavo Fernandes e Magnus Monserrate)
2001 - Junto ao Forte de São Bruno, estrada Marginal, Caxias
Nave Visionista ◀
2003 - Passeio Marítimo, praia de Santo Amaro de Oeiras





Maria Morais

Figura Feminina

1986 - Jardim Municipal de Oeiras

► *Presença do Soldado Português em África*

1997 - Praça do Ultramar, Figueirinha

Águia

1999 - LGM Verney (pátio)

Árvore

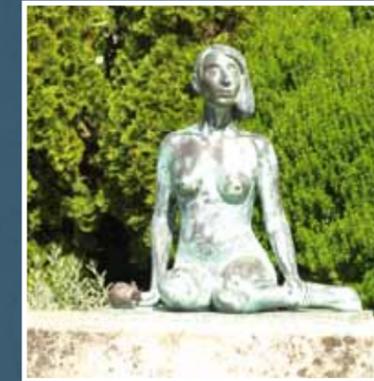
2001 - Palácio Ribamar, Algés

Fragatas no Tejo

Pedro Rapazote

Mulher ◀

1999 - Entrada Cooperativa
Nova Morada, Oeiras



Rogério Timóteo

Mergulhos

2000 - Rotunda Solbi, Linda-a-Velha

Matriz

Alto de Carnaxide

► *Pulsare*

Alto de Carnaxide

Mario Seixas

Maternidade

s/d - Serviços Técnicos (CNP)

Gabinete Vereadora

Madalena Castro

◀ *Presépio*

s/d - LGM Verney



Soares Branco

Cristo dos Navegantes

1995 - Igreja Paroquial, Paço de Arcos

Rosa dos Ventos

1970 - Escola Náutica, Paço de Arcos

◀ *Camilo Castelo Branco*

2003 - Escola Secundária Camilo Castelo Branco,
Carnaxide

A Flor e o Fruto

(em processo de aquisição)

Jardim de Caxias (junto à estação da CP)



Martins Correia

Busto Feminino

s/d - LGM Verney

◀ *Descalça vai para a fonte...*

1998 - Biblioteca Municipal de Oeiras



Óscar Guimarães

► *Aves Migratórias*

1993 - Fonte Luminosa, Oeiras



Volker Schnutgen

► *Cascata*

1994 - Praça D. Manuel I, Algés

AIDA SOUSA DIAS

Acha importante que uma autarquia aposte na arte acessível a todos?

Muito importante e é crucial que isso aconteça sempre. A cultura é tão importante para a formação e a vivência de todos nós, que não pode ser usufruída só por alguns.

O que acha dessa aposta por parte da Camara de Oeiras? Se é suficiente, ou acha que podia ir mais longe?

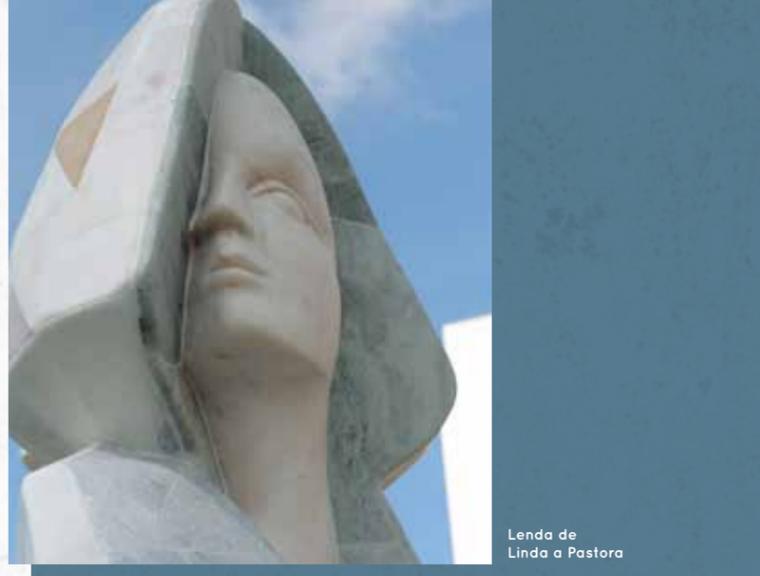
A aposta da Camara creio que foi sempre a correcta neste campo permitindo que muitos artistas colaborassem intensamente quer com realizações artísticas quer em eventos do Município, e que por isso mesmo muitos se tornaram mais conhecidos. Foi uma aposta em que todos ganharam, Camara, artistas e público incógnito, mas apesar disso creio que podia ter ido mais longe. Dou um exemplo: num concelho onde a Arte hoje impera e onde em tão poucos anos proliferou como em nenhum lugar deste país, há muita gente motivada e acho que lhes falta uma escola ou melhor: um Instituto das Artes, ou algo parecido onde para além da formação teórico-prática também se desenvolvesse um trabalho de recuperação das técnicas de realização das obras de arte (exemplo do bronze, gesso ou da pedra entre outros). Em Portugal esses conhecimentos estão a desaparecer diariamente e é lamentável que isso aconteça.

Das suas obras existentes em Oeiras qual a que considera mais significativa e porquê?

O conjunto escultórico de Linda a Pastora. Porque identifica um local, homenageia quem lhe deu o nome, e ao mesmo tempo as esculturas que compõem o conjunto transformaram a paisagem urbana num espaço estético e lúdico. Creio que é muito positivo para todos: crianças e adultos circulam entre as esculturas, parecendo fazerem parte até do próprio conjunto. E é essa interacção o que para mim mais importa na escultura pública.

Para si, o que é a arte urbana?

A arte na rua ou arte urbana é para mim e tão sómente uma forma de representação artística que nos é colocada no nosso caminho, que nos despoleta a fruição dos sentidos, e nos gera vários confrontos sendo entre outros o da aceitação, e da adaptabilidade às suas formas ou imagens. Mas o observador público envolve-se com a arte urbana de diferente modo que um outro numa galeria de arte. Quando em harmonia e na presença de qualquer que seja a representação dessa arte urbana, o seu espectador cria como que laços familiares que por vezes são indefiníveis, e dou um exemplo: depois de uma escultura estar num determinado local vários anos se esta for deslocada para outro local, sentiremos a sua ausência tal qual um familiar que partiu... o que dá para avaliar a importancia da sua existência...



Linda de
Linda a Pastora

Do you think it is important for a municipality to focus on art that is accessible to everyone?

It is extremely important and it is crucial that this is always the case. Culture is so important for all of our experiences and training that it should not be enjoyed just by a few.

What do you think of the Oeiras Town Hall's initiative in this regard? Is it enough or do you think it could have been developed even further?

The Town Hall's efforts have always been very judicious in this field, enabling many artists to collaborate intensely both for artworks as well as for municipal events, and this was the precise reason why many of them became better known. It was a win-win proposition, the Town Hall, artists and the general public all benefited, but despite this I think it could have been developed further. I can cite an example: in a district in which art reigns supreme nowadays and where artworks have proliferated in such a short span of time as nowhere else in the country, there are many motivated people and I think they are lacking an art school or something better: an Art Institute, or something similar, which, apart from offering theoretical-practical knowledge, could also develop initiatives to revive techniques for preparing artworks (such as bronze casting, plaster or stone, amongst others). In Portugal this knowledge is disappearing every day and it is a pity that this should be allowed to happen.

Of your artworks in Oeiras which one do you believe is the most significant and why?

The sculpture in Linda-a-Pastora. Because the work identifies a place, it pays homage to the person it is named after and at the same time the sculptures that comprise the work have transformed the urban landscape into an aesthetic and enjoyable space. I think it has been very positive for everyone: children and adults walk amidst the sculptures and even appear to be part of the artwork. It is precisely this interaction that in my view is the most important element of public sculptures.

What is urban art to you?

In my view, street art or urban art is just a form of artistic representation that is placed in our path, which arouses our senses, and inspires conflicting emotions, including acceptance and adaptability to the forms or images of the work. However, public observers have a different involvement with urban art in a different way than an observer in an art gallery. Onlookers in harmony with any representation of urban art create bonds with artworks that are sometimes impossible to define, almost like family ties. I can cite an example: after a sculpture has been in a certain spot for several years, if it is shifted to another site, we would feel its absence just like that of a family member who has left... which reflects the importance of its existence...

AUGUSTO CID

Acha importante que uma autarquia aposte na arte acessível a todos?

É absolutamente fundamental. O contacto directo que a arte urbana proporciona, sobretudo na escultura é extremamente importante, para nos apercebemos do movimento da peça e da sua volumetria, uma vez que a escultura deverá sempre ter acesso fácil a quem a quiser tocar.

O que acha dessa aposta por parte da Camara de Oeiras? Se é suficiente, ou acha que podia ir mais longe?

Como acabei de dizer é uma iniciativa muito louvável e que devia multiplicar-se por toda a zona da autarquia e outras camaras do país.

Das suas obras existentes em Oeiras qual a que considera mais significativa e porquê?

A que mais me agrada é o conjunto de cavalos que fiz para Paço de Arcos. A mais significativa pelo impacto visual, tamanho e localização é sem dúvida a Cauda da Baleia da Praia de Torre.

Para si, o que é a arte urbana?

A arte urbana é tudo o que se insere no espaço público e que tem por finalidade chamar a atenção para as formas, cores e movimentos, surgindo como algo provocador que contrasta com a arrumação e ordenamento dos edifícios e parques. Numa palavra, introduz o caos pensado e organizado que terá tanto mais êxito, quanto mais inesperado ele se revelar.

Do you think it is important for a municipality to focus on art that is accessible to everyone?

It is absolutely fundamental. The direct contact that urban art provides, especially with regard to sculpture, is extremely important for us to perceive the movement of the piece and its volumetric aspects, since the sculptures should always be easily accessible to those who wish to touch it.

What do you think of the Oeiras Town Hall's initiative in this regard? Is it enough or do you think it could have been developed even further?

As I said, it is a very laudable initiative and it should be extended throughout the municipality as well as to other municipalities around the country.

Mergulho da Baleia



Of your artworks in Oeiras which one do you believe is the most significant and why?

The one I like best is the set of horses I made for Paço de Arcos. The most significant one in terms of its visual impact, size and location is undoubtedly the "Whale Tail" at the Torre beach.

What is urban art to you?

Urban art is everything that is part of the public space and whose purpose is to draw attention to shapes, colour and movements, being thought provoking and a contrast to the layout of the buildings and parks. In short, it introduces well thought out and organised chaos and the more unexpected it is the more successful it will be.



Reverendo Padre Martins

FRANCISCO SIMÕES

Acha importante que uma autarquia aposte na arte acessível a todos?

Não só acho importante como acho fundamental.

O que acha dessa aposta por parte da Camara de Oeiras? Se é suficiente, ou acha que podia ir mais longe?

A Câmara Municipal de Oeiras tem sido pioneira em Portugal no que diz respeito a cultura e a arte. Quanto ao ser suficiente, achamos que nunca é suficiente tudo o que se faz pelas grandes causas e pelos grandes valores. A paz que existe, nunca é suficiente. O amor que existe, nunca é suficiente. A cultura que existe, nunca é suficiente. Tudo aquilo que é bom, nunca é suficiente.

Das suas obras existentes em Oeiras qual a que considera mais significativa e porquê?

O parque dos poetas sem dúvida. Por se tratar de um grande projecto cultural, onde estão envolvidos os valores da literatura e poesia portuguesa, os valores da arquitetura, concretamente da arquitetura paisagística, os valores da escultura e também a determinação social e política do Presidente e da Câmara Municipal de Oeiras.

Para si, o que é a arte urbana?

Em termos simples, a arte urbana é toda aquela que se situa, que se instala na urb, na cidade. No entanto, há varias concepções sobre a expressão arte urbana, há quem lhe chame também arte pública. Parece-me que uma e outra expressão são redundantes. A arte é a arte em todo o lado, seja na urb, seja no campo, seja na praia, seja no museu, seja onde for.

Do you think it is important for a municipality to focus on art that is accessible to everyone?

Not only do I think it is important, I think it is fundamental.

What do you think of the Oeiras Town Hall's initiative in this regard? Is it enough or do you think it could have been developed even further?

The Oeiras Town Hall has been a pioneer in Portugal in terms of art and culture. As for being enough, we tend to believe that everything that is done for great causes and great values is never enough. The peace that exists is never enough. The love that exists is never enough. The culture that exists is never enough. Everything that is wonderful is never enough.

Of your artworks in Oeiras which one do you believe is the most significant and why?

The poets' park without a shadow of a doubt, because it was a great cultural project, involving the values of Portuguese literature and poetry, the values of architecture, more specifically landscape architecture, the values of sculpture and also the social and political determination of the mayor and the Oeiras Town Hall.

What is urban art to you?

In simple terms, urban art is all art that is situated within an urban area or city. However, there are various concepts about the expression urban art, some people also call it public art. I think that both expressions are redundant. Art is art anywhere, be it in cities or in rural areas, be it at the beach or in museums, wherever it might be.

ESPIGA PINTO

Acha importante que uma autarquia aposte na arte acessível a todos?

É importante e é um dever que todas as Autarquias deveriam ter...

O exemplo de Oeiras é dos mais relevantes em Portugal, e tem servido de padrão para outros Municípios... com a grande virtude de em todas as áreas da CULTURA ver antes: - a qualidade, concedendo liberdade de expressão, e não excluir por razões políticas ou de independentes. Pois o Ser Humano vive em sociedade e é no trabalho e "OBRA de cada Um" que se revela o nosso nível mental...

O que acha dessa aposta por parte da Camara de Oeiras? Se é suficiente, ou acha que podia ir mais longe?

A função pedagógica deve ser inerente às Instituições que tenham serviços culturais; não é por acaso que existe a "Vereação da Cultura" que engloba as actividades relacionadas com a Cultura, incluindo todas as expressões da ARTE. Tudo de BOM deve ser feito para a Cultura no nosso Portugal.

Das suas obras existentes em Oeiras qual a que considera mais significativa e porquê?

É a "Dama e Cisne", bronze - alt. 3,5 m, localizada próximo da Av. Marginal (Cascais - Lisboa), frente à Praia de Santo Amaro de Oeiras.

Nota: O Dr. Isaltino de Morais sempre concede e respeita e acredita na liberdade de expressão de cada Autor, assim criei uma OBRA com a minha total responsabilidade (como todas as outras...). "Dama e Cisne" é uma reunião de símbolos que se identificam com Oeiras:



A Dama e o Cisne

• "Cisne": é um símbolo que eu descobri no Brasão de Oeiras e lhe dei uma evidência pela simbólica que lhe está inerente...

• "A Dama com chapéu de sol": é um símbolo de Ser Humano na praia... (onde se localiza a escultura).

• "Sol": grande esfera polida, é símbolo de Vida e símbolo na praia...

• "O Grande Ovo ligado com o cisne": é Símbolo Cósmico.

• Integração - como integração no Espaço - Urbano - Jardim, procurei uma "integração mimética" em que a base, meia esfera em bronze verde, e o mármore Verde - Viana se integrassem com a relva e simultaneamente houvesse uma referência ao Verde - Mar (Veronese). . . além de os elementos - meias esferas e discos distribuídos por toda a superfície da Escultura, para assim na globalidade sugerir uma "Forma Arbórea", integrando-se mimeticamente no Jardim.

Para si, o que é a arte urbana?

Em termos simples, a arte urbana é toda aquela que se A Arte - Urbana, nos dias de hoje é pensada com "visões" por vezes até opostas, é assunto complexo e sem consenso...

Eu penso, e pratico...

A Arte no Espaço Urbano é como algo que se integra e onde cada objecto ou intervenção de cor, ou materiais. . . deve ser muito bem estudado, com base nas condicionantes de - espaço - localização geográfica - urbanismo - utilização, etc. . .

DEVE SER UMA OBRA DE ARTE.

Do you think it is important for a municipality to focus on art that is accessible to everyone?

It is important and it is a duty that all municipalities should pursue...

Oeiras is one of the most relevant examples in Portugal and has set the standard for other municipalities. Oeiras has stood out in all areas of culture, with a high level of quality, providing freedom of expression, not excluding artworks for political reasons or if the artist has independent views. Human beings live in society and our work and efforts reflect our mental level...

What do you think of the Oeiras Town Hall's initiative in this regard? Is it enough or do you think it could have been developed even further?

Institutions having cultural services must perforce serve an inherent pedagogical role; it is no coincidence that there is a cultural department encompassing activities related to culture, including all forms of ART.

Culture must be promoted in Portugal using every possible means.

Of your artworks in Oeiras which one do you believe is the most significant and why?

It is the piece titled "Lady & Swan", a bronze artwork that is 3.5 metres high, located near the coast road (Cascais - Lisbon), just in front of the Santo Amaro beach.

Note: The mayor, Dr. Isaltino de Morais, has always promoted, respects and believes in each author's freedom of expression. Thus, I created an artwork for which I am entirely responsible (as in the case of my other artworks).

"Lady & Swan" incorporates a number of symbols identified with Oeiras:

• *The "Swan" is a symbol that I discovered on the coat of arms of Oeiras and I have highlighted it owing to its inherent symbolism...*

• *"Lady with a sunhat" is a symbol of human beings on the beach... (where the sculpture is located).*

• *"Sun" - A great polished sphere, it is a symbol of Life and a symbol of the beach. . .*

• *"Large Egg linked to the swan" is a cosmic symbol...*

• *Integration - like integration in the surrounding space, an urban garden. I have sought to achieve a "mimetic integration" in which the base, a half sphere in green bronze, and the green Viana marble integrate with the grass, while simultaneously providing a reference to the green of the sea (Veronese). Apart from this, the elements - half spheres and discs distributed over the entire surface of the sculpture - suggest an "arboreal form" as a whole, being integrated mimetically into the garden.*

What is urban art to you?

Nowadays Urban Art is considered to be "visions", which are sometimes even contradictory. It is a complex subject and no consensus has emerged in this regard...

I think and practise my art...

Art in urban spaces is something that is integrated and each object or intervention, whether in terms of colour or materials, must be studied very carefully, based on conditioning factors like the space, geographic location, urbanism, use, etc. . .

IT MUST BE A WORK OF ART.

Nave Visionista



LUIS VIEIRA BAPTISTA

Acha importante que uma autarquia aposte na arte acessível a todos?

A Arte faz parte da vida, é dela indissociável. A sua acessibilidade nem sempre é tida em conta, daí que o papel da autarquia seja muito importante nesse contexto, devido sobretudo à sua proximidade com a população.

Esta importância pode parecer irrelevante, mas é um facto incontornável que a Arte faz de nós melhores seres humanos. Há como que um apaziguamento, subliminar, que nos é transmitido quando convivemos com qualquer expressão artística e que se reflecte na forma como lidamos com o próximo, como conseguimos resolver os nossos problemas ou como superamos as nossas dificuldades. Tal como o oxigénio, a Arte tem que fazer parte do ar que respiramos, embora a cada respiração possamos não nos aperceber da composição química que nos chega aos pulmões. Mas se o equilíbrio for deteriorado, de certeza que iremos sofrer as consequências. Acrescente-se ainda o facto de agora se saber que o cérebro humano é moldável, isto é, tem uma capacidade cognitiva de se transformar ao longo da vida. A

Do you think it is important for a municipality to focus on art that is accessible to everyone?

Art is an inseparable part of life. Its accessibility is not always considered and hence the role played by the municipal authorities is very important in this context, especially owing to the proximity between these artworks and the public.

This importance can seem to be irrelevant, but it is an undeniable fact that art makes us better human beings. We experience a subliminal peace when interacting with any artistic expression, which is reflected in the way we interact with those around us, how we manage to solve our problems or how we overcome our difficulties. Just like oxygen, art must be part of the air we breathe, although we might not perceive the chemical composition of the air reaching our lungs with each breath. However, if the equilibrium deteriorates there is no doubt that we would suffer the consequences. Moreover, it is now known that the human brain can be moulded, i.e. it has a cognitive capacity to transform itself throughout an individual's life. The presence of

presença artística vai, seguramente, abrir as portas no nosso corredor experiencial, permitindo-nos ver mais longe: são as famosas portas da percepção referidas por William Blake: Se as portas da percepção estivessem limpas, tudo apareceria para o homem tal como é: infinito. A Arte é a chave.

O que acha dessa aposta por parte da Camara de Oeiras? Se é suficiente, ou acha que podia ir mais longe?

A C.M. de Oeiras tem feito muito para proporcionar aos seus munícipes um contacto privilegiado com a Arte. Uma das razões do palpável bem-estar dos oeirenses, testemunhado até por quem nos visita deve-se, em grande parte, à simbiose de dois factores culturais incontornáveis: os omnipresentes espaços verdes em que o ser humano respira e o convívio espontâneo com a Arte que os habita, purificando o ambiente onde estão inseridos e filtrando os excessos da paisagem urbana, tantas vezes impessoal e transgressora. Nunca se pode dizer que o que já está feito seja suficiente. Direi mesmo que é perigoso pensar assim, sob pena de autofagia. Um concelho é um organismo vivo que não se pode alimentar indefinidamente dos nutrientes do passado. O que já está inscrito patrimonialmente deve funcionar, sobretudo, como adubo; será ele o nutriente que marcará as novas colheitas, actuando na razão directa do seu legado. Esta fase menos propícia à cultura com que nos deparamos actualmente, deve ser aproveitada para não se deixar deteriorar o património existente. O que mais me custa aceitar é que se possa invocar falta de verba para esta operação quando, em contra corrente com a conjectura económica nacional, se tornam públicas aquisições milionárias. Quero deixar bem claro que esta minha posição não se prende com o valor de uma obra de Arte ser alto ou baixo ou a sua aceitação estética ser consensual ou não: trata-se simplesmente de considerar desapropriado o momento em que ela se realiza.

Das suas obras existentes em Oeiras qual a que considera mais significativa e porquê?

Há muitos factores que fazem com que uma obra se torne mais emblemática que outra, independentemente da sua interpretação plástica. O local onde ela está edificada é um ponto-chave para uma boa leitura da mesma. Podemos ter uma escultura bem conseguida inserida num ambiente inhóspito, o que faz com que se diminua o seu potencial. É por isso muito importante que o escultor saiba para onde vai a sua peça, moldando-a de acordo com o local da sua futura implantação. Ou no mínimo, que o escultor seja ouvido sobre o local onde uma obra sua pretende ser colocada, reservando-se-lhe o direito de concordar ou não com o referido local. De todas as peças que fiz e que estão em lugares públicos, aquela que me parece reunir mais parâmetros com vista à sua optimização é, sem dúvida, “À Porta do Mar: Nave Visionista”, junto à praia de Santo Amaro de Oeiras.

art will undoubtedly open doors in our universe of experiences, enabling us to see further: these are the famous doors of perception mentioned by William Blake: If the doors of perception were cleansed, everything would appear to man as it is, infinite. Art is the key.

What do you think of the Oeiras Town Hall's initiative in this regard? Is it enough or do you think it could have been developed even further?

The Oeiras Town Hall has done a lot to ensure that its residents have a privileged contact with art. One of the tangible reasons for the well-being of the district's residents, mentioned even by visitors, is in large measure due to the symbiosis of two characteristic cultural factors: the omnipresent green spaces in which human beings can breathe and a spontaneous interaction with art, purifying the environment in which they are inserted and filtering out the excesses of the urban landscape, which can so often be harsh and impersonal. One can never say that what has been done is enough. I would even aver that it is dangerous to think like this, on pain of autophagy. A district is a living organism which cannot be indefinitely fed on nutrients from the past. Existing patrimony should function, above all, as fertiliser; it should be the nutrient that will mark new harvests, directly due to its legacy. We must make the most of this current phase we are experiencing, which is not very propitious for culture, to not allow the existing patrimony to deteriorate. What I find very hard to accept is that funds are scarce for such operations when, going against the national economic scenario, one hears of astronomical prices being paid to purchase art. I would like to make it extremely clear that this position of mine has nothing to do with whether the value of an artwork is high or low or whether acceptance of its aesthetics is consensual or not: it is simply a question of considering the moment at which this is happening to be inappropriate.

Of your artworks in Oeiras which one do you believe is the most significant and why?

There are many factors that make one artwork more emblematic than others, irrespective of its plastic interpretation. The site where it is placed is a key element for an accurate interpretation of the work. We can have a wonderful sculpture implanted in an unsuitable environment, reducing its potential. This is why it is very important for the artist to know where the piece is going to be placed, moulding it according to the site where it will be in the future. Or at least that the sculptor be consulted about the site where the artwork will be placed, reserving the right to agree or not with the said location. Of all the artworks I have made which are displayed in public places, the one which according to me has the best parameters for optimum viewing is undoubtedly the “Visionary Ship”, beside the beach at Santo Amaro in Oeiras.

What is urban art to you?

Urban art is inspired by urbanism or the landscape, appropriating synergies from the architecture or setting in which it is placed. It differs from public art, since this functions per se, in other words it has an existence beyond the place

Para si, o que é a arte urbana?

A Arte urbana inspira-se no urbanismo ou na paisagem, apropriando-se das sinergias arquitectónicas ou de terreno onde está inserida. Difere da Arte pública, pois esta funciona per si, ou seja, tem uma existência para lá do local onde está implantada e não está condicionada a esse local. Todavia, pode haver uma peça pública que seja urbana e vice-versa. Mas, por definição, a Arte urbana precisa de se alicerçar na envolvência, apropriando-se de alguns aspectos da arquitectura ou da paisagem (urbana ou não). Pode, por isso, prescindir de forma física autónoma e funcionar parasitando o local da sua intervenção, criando roturas ou empatias para que o observador se veja obrigado a ver o seu suporte com a mesma atenção com que observa a sua estética: é precisamente nesta associação, deste confronto, que reside a sua grande força. Podemos também associar a Arte urbana ao conceito de Arte efémera, uma vez que o que interessa não é a matéria com que é feita, mas sim o que ela faz com a matéria do local onde se assume. Por norma, os materiais utilizados nesta forma de Arte são mais facilmente percíveis do que os da Arte pública. Não é obrigatório que assim seja, mas o número de intervenções urbanas recorrendo a matérias não duradouros é bastante superior ao das outras formas de expressão, pois o seu objectivo, enquanto Arte, não é perpetuar-se através do suporte plástico que lhe está associado. O registo da intervenção é inscrito na história da Arte através de outros meios, como o são as fotografias ou os filmes que a documentam. A obra do búlgaro Christo e da sua mulher Jeanne-Claude exemplificam bem a Arte urbana.

where it is implanted and is not conditioned by the said place. However, there can be a public artwork that is urban and vice-versa. However, by definition, urban art needs to be rooted in its surroundings, appropriating some aspects of the architecture or the landscape (whether or not the landscape is urban). Hence, it can abdicate an autonomous physical form and function as a parasite in the site where it is placed, creating ruptures or empathy so that beholders are obliged to view its supporting environment with the same attention paid to its aesthetics: its strength lies in precisely this association, this contrast. We can also associate urban art with the concept of ephemeral art, since what matters is not the material with which it is made, but rather what it does with the material of the site where it is located. In general, the materials used in this form of art are more perishable than those used in public art. This is not necessarily the case, but the number of urban interventions using non-durable materials is far higher than in other forms of expression, since its objective, as art, is not to perpetuate itself through its associated plastic support. The intervention is recorded for posterity and art history through other means, such as photographs or films documenting the work. The work of the Bulgarian artist Christo and that of his wife Jeanne-Claude perfectly exemplify urban art.



Golfinhos
no Tejo

A ARTE ESTÁ EM TODO O LADO

ART IS EVERYWHERE

Nós não nos damos conta de como a arte nos trespassa de todo o lado. Anotar isso aos que vaticinam a morte da arte. Isto ao nível mais corriqueiro. Dispor os móveis numa sala é fazer arte. Ou olhar uma paisagem, pôr uma flor na lapela, ou num vaso. Escolher uma gravata, uns sapatos. Provar um fato. Pentear-se. Fazer a barba ou apará-la quando comprida. Todas as coisas de cerimónia têm que ver com a arte. E o corte das unhas. Todo o jogo. Toda a verdade que releva da emoção. Às vezes mesmo a escolha do papel higiénico. Mas mesmo a desordem. Bergson, creio, dizia que se tudo fosse desordenado, nós acabaríamos por ler aí uma ordem. E não é o que fazemos ao inventarmos as constelações? Admitir a morte da arte é admitir a morte do homem, que impõe essa arte a tudo o que vê. Mas tenho de ir à casa de banho. A ver se invento arte mesmo aí. (Mas quando disse «casa de banho» e não «retrete», já a inventei.)

Vergílio Ferreira, in 'Conta-Corrente 3'

We do not really realise how art is all around us. Point this out to those who predict the death of art. This at the most trivial level. Arranging furniture in a room is art. As is looking at a landscape, putting a flower in your lapel, or in a vase. Choosing a tie, some shoes. Trying on a suit. Styling your hair. Shaving or arranging a beard. All ceremonial things have to do with art. As does cutting your nails. Everything in play. All the truth that stands out from emotion. Sometimes even your choice of toilet paper. Even disorder is art. Bergson, I believe, said that if everything were disarranged, we would end up by seeing an order in this disarray. Isn't that what we did when we invented constellations? Admitting the death of art is admitting the death of man, who imposes this art on everything in sight. But I have to go to the bathroom. To see if I can invent art even there. (But when I said "bathroom" and not "toilet", I already invented it.)

Vergílio Ferreira, in *Conta-Corrente 3*





O EU, O OUTRO E A ARTE URBANA

I, THE OTHER AND URBAN ART

LUIS MARIA BAPTISTA | *Texto . Text*

LUIS MARIA BAPTISTA E DIOGO CASTRO GUIMARÃES | *Fotografia . Photos*

Nascemos. Tecnicamente amados ou não. Somos ensinados, adaptados e domesticados à imagem e semelhança de quem cuida de nós, num determinado espaço relacional onde aparecemos por circunstância universal, inevitavelmente.

Passamos a dar sentido a vidas anteriores à nossa, em crise: a separar, a escolher, a julgar e a acusar, salvaguardados pelo pretexto deirmos a ser alguém na vida, uns grandes homens e umas grandes mulheres capazes de transformar o mundo em que vivemos.

Temos de ser felizes e encontrar o amor, pelo menos numa das suas múltiplas manifestações na vida. Ilusórias demagogias naturais que nos são infligidas logo à nascença por causa da fragilidade desconsolada da nossa carne mortal.

Somos colocados no mundo com a grande responsabilidade de aprender, de nos adaptarmos a todas as intempéries da vida e com a responsabilidade de transformação da realidade onde aparecemos. Transportamos em nós à nascença um desígnio de formação da personalidade capaz de se constituir como exemplo para todos os que estão vivos e os que hão-de vir. Um desígnio de salvação própria e do outro. Um desígnio mecânico

We confer sense on lives prior to our own, in crisis: separating, choosing, judging and accusing, safeguarded by the pretext of becoming someone in life, great men and great women capable of transforming the world in which we live. We have to be happy and find love, at least in one of its multiple manifestations in life. Natural illusionary demagogies that are inflicted upon us at birth because of the disconsolate fragility of our mortal flesh.

We are placed in this world with the great responsibility of learning, of adapting to all the vagaries of life and with the responsibility of transforming the reality into which we are born. We contain within us at birth an urge to shape a personality that is capable of being an example for all living people and those who will be born in the future. An urge to save ourselves and others. A mechanical urge of continuity and self-regeneration programmed into our body through real and imaginary building/ manufacturing functions and the conquest of worlds and others (bodies).



À medida que vamos ganhando consciência daquilo que é o corpo, percebemos a importância que os espaços em que habitualmente nos movimentamos e nos guardamos ao longo de toda a vida, o espaço da casa e o espaço da cidade, o espaço íntimo do corpo privado e o espaço social do corpo público, desempenham nas suas decisões.

As we become aware of what the body is, we understand the important role that the spaces in which we habitually move and keep throughout our lives, the space of our houses and the space of cities, the intimate space of a private body and the social space of the public body, play in decisions.

de continuidade e de auto-regeneração programado no corpo através de funções reais e imaginárias de construção / fabricação e conquista de mundos e de outros (corpos).

É assim que qualquer um de nós cresce, por mais primitiva que seja a sua origem, regido por valores de domínio e mérito conquistados sobre e através de quem se cruza no nosso caminho, repleto de oportunidades que temos de saber agarrar com unhas e dentes. Ninguém pergunta se há outra alternativa para se estar vivo.

A maioria sai de casa de manhã para o trabalho e para a Escola e à noite regressa com as compras e os filhos nos braços. Refugia-se nela à espera do dia seguinte. Para que serve a vida? O corpo que temos, e aqueles que nos fazem companhia, neste passatempo que é a vida?

Se olharmos atentamente as paredes de casa, houve um tempo das nossas vidas em que aparentemente nos rodeamos de objectos e imagens de/coração que nos faziam felizes: quadros, livros, discos, filmes, objectos antigos, entre outros, que nos faziam companhia quando ainda não sabíamos muito bem o que era o corpo, o outro e o tempo, e estávamos a tentar aprendê-los, a dar-lhe sentido.

Olhamos uns para os outros, para o corpo uns dos outros. Verificamos que é aquilo que todos temos em comum, e que há dois tipos de corpo, o dos pobres e o dos ricos. Percebemos que todos os movimentos que desenhamos ao longo da vida, acelerados e desacelerados pelo grande catalizador que é o desejo humano, têm a haver com uma estratégia de escolha, manutenção e conservação desse corpo, que todas as questões essenciais do ser humano têm-no como origem.

À medida que vamos ganhando consciência daquilo que é o corpo, percebemos a importância que os espaços em que habitualmente nos movimentamos e nos guardamos ao longo de toda a vida, o espaço da casa e o espaço da cidade, o espaço íntimo do corpo privado e o espaço social do corpo público, desempenham nas suas decisões.

A cidade é o lugar de todos os des/encontros possíveis, do eterno retorno à origem da memória e à medida equilibrada de todas as coisas. Em casa exercitamos os gestos de

This is how any of us grows up, no matter how humble our background may be, governed by values of predominance and merit conquered over and through those who cross our path, replete with opportunities that we have to know how to grasp firmly. Nobody asks if there is an alternative to one's life.

Most of us leave home every morning for work and for school and return at night with arms full of children and shopping. We seek refuge in the night while waiting for the next day. What purpose does life serve? What is the purpose of the body we have, and those around us, in this passage of time that is life?

If we look carefully at house walls, there was a time in our lives in which we apparently surrounded ourselves with objects and images, decorations that made us happy: paintings, books, records, films, antique objects, amongst others, which kept us company when we did not yet know very well what was a body, the other and time, and we were trying to learn about them, to give them meaning.

We look at each other, at each other's bodies. We see that this is what we all have in common and that there are two types of bodies, that of the poor and that of the rich. We understand that all the movements that we delineate over the course of our lives, accelerated and decelerated by the great catalyst that is human desire, have to do with a strategy of choosing, maintaining and preserving this body, that all the essential questions of the human being are rooted in the body.

As we become aware of what the body is, we understand the important role that the spaces in which we habitually move and keep throughout our lives, the space of our houses and the space of cities, the intimate space of a private body and the social space of the public body, play in decisions.

The city is the site of all possible missed encounters, the eternal return to the source of memory and the balanced measure of all things. At home we exercise the gestures of contraction / drawing closer and distension / drawing away, we measure the distances between them,





contração / aproximação e distensão / afastamento, medimos as distâncias entre eles, preparamo-nos para viver na cidade, o corpo do outro.

Do encontro dos corpos nas cidades nascem as casas. A nossa casa é a célula habitacional de um corpo maior, de uma casa grande: a cidade.

Aí podemos ser exemplos imortais, lembrados para lá do tempo de duração do nosso corpo, petrificados e fundidos sob a forma de estátuas.

Tal como acontece no interior das nossas casas, se olharmos atentamente o interior da cidade, também aí vamos encontrar, quadros, livros, discos, filmes, objectos antigos, à escala de monumentos, esculturas, pinturas, cartazes, frases, mensagens, assinaturas e muitos corpos iguais a nós que de repente se lembram que estão vivos e começam a falar (publicamente). Manifestam-se (artisticamente), tornam-se pessoas. Loucos, quase loucos. Imagens, muitas imagens a interpelarem-nos, a chamarem-nos, a pedirem atenção, que olhemos para e por elas. Para as quais não queremos olhar por medo de aí nos reconhecermos, nessa marcação do tempo. Arte Urbana!

Para que serve a Arte Urbana?

Para nos proporcionar experiências reais e imaginárias de confronto i/material com o nosso corpo, com o corpo do outro e com os movimentos do nosso quotidiano. Aparece-nos desprevenidamente e questiona-nos, como tudo aquilo que é fundamental na vida, para nos recolocar em acção depois de nos obrigar a parar.

Lembra-nos aquilo que já fomos, podemos continuar a ser e principalmente ajuda-nos a não esquecer, a continuar a construção de uma qualquer espécie de identidade humana para o corpo que nos suporta e prevalece sobre tudo.

Lembra-nos que enquanto seres dotados de sentido est/ético, mais importante do que a beleza com que nascemos é a aquela que conseguimos criar ao longo da vida. Que todos somos naturalmente criadores. Cada homem um artista.

A cultura serve essencialmente para nos fazer lembrar.

Alguns de nós fazem filhos, outros obras de arte e outros ainda ambas as coisas, muitas vezes esquecemos a importância de uns e de outros. Parece que não se servem mutuamente, mas sem ambos ninguém continua.

A arte urbana é a exposição pública do instinto e da obrigação de criação do ser humano, da sua responsabilidade de continuidade e intervenção criadora no espaços em que se encontra a viver, qualquer seja a sua esfera de acção.

Temos de sair à rua com novo sentido político, de habitante cidadão da *polis* (cidade). Proceder ao levantamento do maior número possível de pessoas e experiências que também são nossas. Como acontece nesse conjunto de pessoas de pedra, “Ronda do Dia”, instalado, no centro de Algés, da autoria do escultor António Quina, a caminho da estação. E levá-las imaginariamente para o interior do espaço das nossas casas. Não ter medo da beleza da loucura e recuperar a leitura de todos os objectos humanos e de cultura que se foram perdendo nas paredes da nossa vida.

Cada um de nós só será lembrado pela grandiosidade, pela beleza das imagens - tecnológicas, artísticas e humanas - e pela intensidade dos confrontos humanos que for capaz de produzir, durante o tempo em que estiver vivo.

A beleza de cada um, depende do reflexão imaginária do outro.

Mãos à obra e ao outro da Arte Urbana! }

we prepare ourselves to live in the city, the body of the other.

Houses are born from the encounter between bodies in cities. Our house is a living cell of a larger body, of a large house: the city.

There we can be immortal examples, remembered beyond the duration of our bodies, rendered in stone and metal in the form of statues.

In much the same manner as happens inside our houses, if we look attentively at city interiors, here too one finds paintings, books, records, films, antique objects, on the scale of monuments, sculptures, paintings, posters, phrases, messages, signatures and many bodies just like us who suddenly realize that they are alive and begin to speak (publicly). They manifest themselves (artistically), they become people. Crazy, almost crazy. Images, many images beckoning us, calling out to us, asking for our attention, asking that we look at them and look out for them. At which we do not want to look for fear that we will recognize ourselves there, in that stamp of time. Urban Art!

What is the purpose of Urban Art?

To provide us with real and imaginary experiences of im/material confrontation with our body, with the body of the other and with the movements of our everyday lives. It appears before us unexpectedly and questions us, like all that is fundamental in life, to once again place us in action after obliging us to stop.

It reminds us of what we used to be, what we can continue to be and mainly it helps us not to forget, to continue to build a kind of human identity for the body that supports us and prevails over all else.

It reminds us that as beings endowed with an aesthetic sense, more important than the beauty with which we are born is the beauty that we manage to create over the course of our lives. That all of us are creators by nature. Every person is an artist.

Culture serves essentially to remind us.

Some of us produce children, others produce works of art and yet others produce them both, we often forget the importance of one and the other. It seems that they do not serve each other mutually, but without them both nobody continues.

Urban art is a public display of a human being's instinct and obligation to create, of their responsibility for continuity and creative intervention in spaces in which they live, irrespective of their sphere of action.

We have to go out into the streets with a new political sense and as citizen-inhabitants of the polis (city). We must proceed to survey the largest possible number of people and experiences that are also ours. As is the case with a set of people crafted in stone, “Daily Stroll”, installed in the centre of Algés, by the sculptor António Quina, on the way to the station. What about taking them imaginarily into the inner spaces of our houses? Not being afraid of the beauty of madness and recouping the interpretation of all human and cultural objects that were progressively lost on the walls of our lives.

Each one of us will only be remembered for the grandeur, for the beauty of images – technological, artistic and human – and by the intensity of human confrontations that we are capable of producing during our lifetimes.

The beauty of each one depends on the imaginary reflection of the other. Let us put our hands to work and let us put our finger on the other in Urban Art! }



A ARTE DOS NOSSOS PEQUENOS MUNICÍPES

THE ART OF YOUNGSTERS FROM OEIRAS

A autarquia de Oeiras lançou o repto aos nossos meninos dos agrupamentos do pré-escolar da rede pública municipal para que desenhassem um postal de natal. Que dessem asas à sua imaginação e mostrassem como se passa esta quadra natalícia nas suas cabeças. E o resultado não podia ser mais encantador. Junto mostramos os postais que recebemos começando pelo escolhido pelo município para enviar as Boas Festas. Dá ou não vontade de pedir-lhes uma e outra vez mais e mais postazinhos?

The municipality of Oeiras invited kids from pre-school groups enrolled in the public municipal network to draw a Christmas card. They could give flight to their imagination and show how they visualised the Christmas season. The results could not have been more charming. Here are some of the cards we received, beginning with the card that the municipality chose to send out with its Christmas greetings. Doesn't it make you want to ask them to make more cards?

CARLA ROCHA | Texto . Text



J.I. Cesário Verde (sala 2)

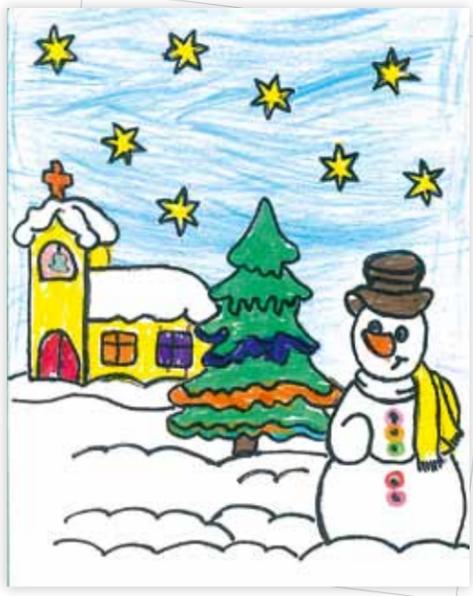




O NATAL VISTO PELOS
NOSSOS PEQUENOS ARTISTAS
CHRISTMAS SEEN BY OUR
YOUNG ARTISTS



J.I. Nº Srª do Amparo (sala verde)



J.I. Roberto Ivans (sala amarela)



J.I. Manuel Beça Múrias (sala 3)



J.I. Manuel Beça Múrias (sala 2)



J.I. Luísa Ducla Soares Algés (sala 2)



J.I. Alto de Algés (sala 3)



J.I. Alto de Algés (sala 1)



J.I. Manuel Beça Múrias (sala 3)



J.I. Manuel Beça Múrias (sala 2)



J.I. Luísa Ducla Soares Algés (sala 1)



J.I. José Martins (Sala 2)



J.I. José Martins (Sala 3)



J.I. Luísa Ducla Soares Algés (sala 4)



J.I. Jorge Mineiro (sala B)



J.I. Cesário Verde (sala 2)



J.I. José Martins (Sala 1)



J.I. Jorge Mineiro (sala B)



sem identificação





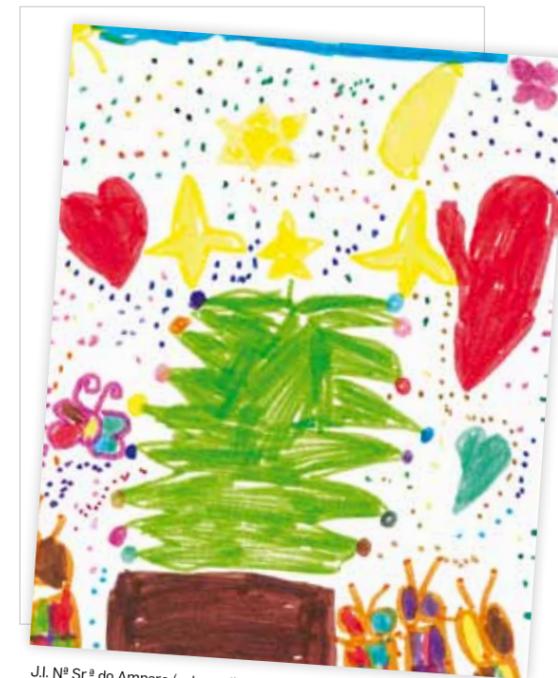
J.I. Roberto Ivens (sala azul)



EB1 / J.I. Nº Srª do Vale (sala 2)



J.I. Nº Srª do Amparo (sala vermelha)



J.I. Nº Srª do Amparo (sala azul)



EB1 / J.I. Nº Srª do Vale - Pré-escolar (sala 1)



EB1 / J.I. Nº Srª do Vale Caxias - Pré-escolar (Sala 1)



J.I. Luísa Ducla Soares (sala 3)



J.I. Narcisca Pereira (sala B)



J.I. Cesário Verde (sala 3)



J.I. Alto de Algés (sala 2)



J. I. Nº Srº do Amparo (sala amarela)



J.I. da E. B. 1 Maria Luciana Seruca (Sala 2)



J.I. Narcisa Pereira (sala A)



O GATO MALHADO¹

Arte e Liderança

THE TABBY CAT¹
The Art of Leadership

Nuno Campilho

Gestor Público (ncampilho@gmail.com)

O que faz a grandeza de um Líder? O reconhecimento da sua própria menoridade. E este grau de reconhecimento humilde só é possível de sustentar de três formas: através do desafio aos constrangimentos pré-adquiridos (por experiências passadas que condicionam as nossas ações futuras), com o qual aprendemos a Arte da superação; através da exaltação dos nossos “pontos de poder”² (poder posicional, poder pessoal, poder funcional, poder relacional e poder intelectual), com os quais adquirimos a Arte de fazer o bem; e através da colaboração para o sucesso, com a qual ganhamos capacidade na Arte de decidir e as bases necessárias para o cumprimento dos objectivos da organização.

Podendo a Arte ser definida como o campo do conhecimento humano relacionado com criações que evocam a vivência e a interpretação sensorial, emocional e intelectual da vida em todos os seus aspectos; também poderemos dizer, que a verdadeira essência da Arte é a de se poder transformar a realidade, de acordo com os ideais e pensamentos do autor, em qualquer coisa extraordinária. Isto, porque, a Liderança significa, acima de tudo, criar um caminho para as pessoas se juntarem e fazerem com que algo de extraordinário aconteça.

Assim, temos que, a Arte está no domínio das cinco práticas para uma Liderança exemplar: mostrar o caminho, inspirar uma visão conjunta, desafiar o processo, permitir a intervenção dos outros e encorajar a vontade³.

Será que tudo isto pode ser ensinado, ou a Arte é algo de inato? Nunca, como aqui, se encontrarão tantos pontos de contacto entre uma e outra “disciplina”, cuja defesa, neste artigo, vai no sentido da complementaridade. A Arte, como a Liderança e a gestão, envolve a aprendizagem de uma tarefa e a aprendizagem pessoal, cujo processo será baseado, sobretudo, na experiência acumulada. E o que é que isto tudo envolve? Pessoas! E para que possamos Liderar as pessoas, temos de nos começar a Liderar a nós próprios, e acreditar que podemos ter um impacto positivo nos “outros”. Temos, ainda, de acreditar, que as nossas palavras possam ser inspiradoras e que as nossas ações possam contar para alguma coisa. A Liderança começa em nós...

Max de Pree dizia⁴ que a primeira responsabilidade de um líder era definir a realidade, a última, era dizer obrigado. Pelo meio, o líder «servia»⁵.

Num tempo de mudança drástica, são aqueles que ensinam («servem») que herdam o futuro. Os que aprendem irão sentir-se habilitados para viver num mundo que já não existe (Bennis, 2009). A Arte da Liderança é o cúmulo das competências inatas, aprendidas e ensinadas («servidas»), que poderão impedir que isso suceda. Vamos lá, então, fazer com que algo de extraordinário aconteça. }

What makes a Leader grand? Recognition of how small they are. And it is only possible to sustain this level of humble recognition in three ways: by challenging pre-acquired constraints (through past experiences that condition our future actions), by which we learn the Art of overcoming; by exalting our “points of power”² (positional power, personal power, functional power, relational power and intellectual power), by which we acquire the Art of doing good; and through collaborating for success, by which we become more capable in terms of the Art of deciding and which provides the necessary bases to achieve an organisation’s objectives.

Since Art can be defined as being a field of human knowledge related to creations that evoke sensorial, emotional and intellectual interpretation and experiences of life in all its aspects, one could also say that the real essence of Art is that of being able to transform reality, as per the author’s thoughts and ideals, into something extraordinary. Hence Leadership signifies, above all else, creating a path for people to get together and ensure that something extraordinary happens.

Thus Art permeates the five practices for an exemplary leadership: showing the way, inspiring a joint vision, challenging the process, allowing intervention by others and encouraging free will³.

Can all this be taught or is Art something innate? Never, as here, will one find as many points of contact between one “discipline” and another, whose defence in this article is in the sense of complementarity. Art, like Leadership and management, involves learning a task and personal learning, whose process will be based, above all, on accumulated experience. And what does all this involve? People! And in order to be able to lead people we have to begin to lead ourselves and to believe that we can have a positive impact on “others”. We must also believe that our words can be inspiring and that our actions can count for something. Leadership begins with us... Max de Pree said⁴ that the first responsibility of a leader was to define the situation and the last responsibility was to say thank you. In between these two stages a leader “served”⁵.

In a time of drastic change, it is those who teach (“serve”) who inherit the future. Those who learn will feel capable of living in a world that no longer exists (Bennis, 2009). The Art of Leadership is the culmination of innate competences, learnt and taught (“served”), which could prevent this from happening. So let us ensure that something extraordinary happens. }

¹ Adaptação de AMADO, Jorge, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2007 (15ª ed.).

² “points of power”, retirado de BLANCHARD, K., *Leading at a higher level*, Prentice Hall, London, 2007.

³ Baseado em, KOUZES, J; POSNER, B, *O Desafio da Liderança*, Caleidoscópio, Lisboa, 2009.

⁴ In *Leadership is an Art*, Dell, New York, 1989.

⁵ Os *servant leaders*, como lhes chamou Robert K. Greenleaf, em 1970, dedicam-se a servir as necessidades dos elementos da organização, focando-se, especificamente, nas necessidades daqueles que lideram. Fazem-no extraindo deles o melhor que têm para dar, fazendo-lhes *coaching*, encorajando-os a tomarem a iniciativa, facilitando o crescimento pessoal de todos aqueles que trabalham com ele. Os *servant leaders* são, ainda, uns excelentes ouvintes, o que lhes permite construir uma verdadeira comunidade em torno de um bem/objectivo comum. Cf. GREENLEAF, R., *Servant Leadership: A Journey into the Nature of Legitimate Power and Greatness (25th Anniversary Edition)*, Paulist Press, New Jersey, 2002.

¹ Title adapted from AMADO, Jorge, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, Publicações Dom Quixote, Lisbon, 2007 (15th edition).

² “Points of power”, taken from BLANCHARD, K., *Leading at a Higher Level*, Prentice Hall, London, 2007.

³ Based on KOUZES, J; POSNER, B, *O Desafio da Liderança*, Caleidoscópio, Lisbon, 2009.

⁴ In *Leadership is an Art*, Dell, New York, 1989.

⁵ *Servant leaders*, as Robert K. Greenleaf called them, in 1970, dedicate themselves to serving the needs of the organization’s elements, focusing, specifically on the needs of those who lead. They do so by extracting from them the best that they have to give, coaching them, encouraging them to take the initiative, facilitating the personal growth of all those who work with them. *Servant leaders* are also excellent listeners, which enables them to construct a true community around a common good/objective. Cf. GREENLEAF, R., *Servant Leadership: A Journey into the Nature of Legitimate Power and Greatness (25th Anniversary Edition)*, Paulist Press, New Jersey, 2002.

VOZES DO FADO 2011

VOICES OF FADO 2011



Entre o mês de setembro e o mês de outubro Oeiras parou para ouvir cantar o fado. Canção esta que hoje faz parte Património Oral e Imaterial da Humanidade pela UNESCO. Foram três os concertos que este ano fizeram parte da já habitual Vozes do Fado que a Câmara Municipal de Oeiras organiza. Quem perdeu, pode sempre esperar que este ano, mais lá para o final, nos voltemos a calar para ouvir o fado entoar num dos nossos auditórios.



Between the months of September and October Oeiras stopped to listen to fado being sung. Fado is a form of singing that has already been recognised as an Oral and Intangible World Heritage by UNESCO.

Three concerts were held as part of the habitual "Voice of Fado" event that the Oeiras Town Hall organises each year. Those who missed the event can always wait for this year's edition, which will be held towards the end of the year, when a hush will once again descend to listen to the sound of fado emanating from our auditoriums.

QUARTETO EDGAR NOGUEIRA 23 de Setembro

O Quarteto Edgar Nogueira apresentou o seu novo trabalho "Fado do Século XXI", que inclui poemas de Camões e Florbela Espanca, entre outros e de sua autoria, sempre musicados pelo Prof. Edgar Nogueira. O Professor Edgar Nogueira exímio instrumentista em guitarra portuguesa apresenta uma carreira com sensivelmente três décadas. Nada tolhe as suas intenções artísticas, considerando o próprio que está a viver uma fase de grande maturidade fortemente impulsionada por projectos recentemente concretizados, como é o caso do álbum editado, "Painéis de Lisboa", desenho musical de apreciado valor lírico e ao qual se juntaram outros instrumentos como a guitarra clássica e o violoncelo.

EDGAR NOGUEIRA QUARTET 23 September

The Edgar Nogueira Quartet presented its new work "21st Century Fado", which includes poems by Camões and Florbela Espanca, amongst others, and poems authored and set to music by Prof. Edgar Nogueira himself. Prof. Edgar Nogueira is an eminent instrumentalist renowned for his mastery of the Portuguese guitar and his career spans three decades. Nothing stands in the way of his artistic intentions and he himself believes that he is experiencing a phase of great maturity, having received a strong impetus by recent projects, such as the album entitled "Painéis de Lisboa", with highly acclaimed musical arrangements and lyric value, complemented by other instruments such as the classical guitar and the violoncello.



CUCA ROSETA 30 de Setembro

Por uma vez, escrever 'destino', 'alma' e 'verdade' sem medo de exageros ou lugares-comuns quando se fala de fado. Trata-se de um privilégio raro, porque raros são os predestinados a cantar um género musical que não deixa mentir. E o fado não deixa mentir: não interessa a voz, a figura, o estilo – ou sentimos verdade ou não sentimos. E com Cuca Roseta, sentimos. O seu disco de estreia, em nome próprio, resume a história de alguém que sempre acreditou numa vontade maior do que ela – e soube esperar. Mesmo já tendo participado numa banda marcante para a música moderna portuguesa, Cuca Roseta sempre soube que era no fado que se iria encontrar. Apenas esperava o momento certo, os cúmplices perfeitos. Aconteceu. De um encontro fortuito (alguns dirão predestinado) com o músico, compositor e produtor argentino Gustavo Santaolalla – que já conta na bagagem com dois Óscares para Melhor Banda Sonora (Babel e Brokeback Mountain) nasceu este «caso de amor musical», nas palavras da própria fadista. Santaolalla, que terá ficado deslumbrado com uma atuação de Cuca, reconheceu na voz da fadista essa universalidade da alma, que não conhece língua ou fronteira. O convite foi imediato, e a proposta tão simples como ambiciosa: dar a conhecer ao planeta a voz, a artista e o ser humano que é Cuca Roseta. Mais do que um projeto musical, para Santaolalla era quase uma missão. E assim nasceu este disco. Durante a gravação o produtor deu tempo e espaço para a voz de Cuca Roseta dizer a verdade que tem. O resultado é uma coleção de temas que, dos mais clássicos como "Rua do Capelão" ou "Marcha de Santo António", até aos musicados como "Porque Voltas De Que Lei" (letra de Amália Rodrigues, colaboração do tanguero Cristóbal Repetto e do próprio Gustavo Santaolalla) ou "Maré Viva" (poema de Rosa Lobato Faria vertido para castelhano), este é um testemunho verdadeiro de uma voca-

ção. E ainda com a mais-valia de nos apresentar uma fadista dona das suas próprias palavras, como acontece em "Homem Português" ou "Nos Teus Braços". Como cúmplices musicais perfeitos, Mário Pacheco na guitarra portuguesa, Pedro Pinhal na viola de fado e Rodrigo Serrão no contrabaixo. E ao comando de tudo, a extraordinária sensibilidade de Gustavo Santaolalla, a dar espaço, tempo e voz para que Cuca cumpra o que sente e enfim o possa mostrar ao mundo, porque a alma é universal. Cuca Roseta sabe que seguiu o seu destino, e não foi menos do que isso que ela quis partilhar connosco, de forma natural, genuína e com um timbre tão perfeitamente afinado.

CUCA ROSETA 30 de Setembro

For once, one can write words like "destiny", "soul" and "truth" without fear of exaggerations or trite commonplaces when speaking of fado. This is a rare privilege, because only rare people are predestined to sing a music genre that has no room for falsehoods. And fado has no room for falsehoods: a singer's voice, demeanour and style are of little interest – either you feel the truth ring out in their voice or you don't. And with Cuca Roseta, you feel it. Her debut disc, bearing her own name, sums up the story of someone who always believed in a greater will than her own – and knew how to wait. Even though she had already participated in a band that had an indelible impact on modern Portuguese music, Cuca Roseta always knew that she would find her destiny in fado. She was just waiting for the right moment, the perfect partners. And it did happen. A fortuitous (some would say predestined) encounter with the Argentinean musician, composer and producer Gustavo Santaolalla – who has already bagged two Oscars for best soundtrack (Babel and Brokeback Mountain) – resulted in this "musical love affair", in the words of Cuca herself. Santaolalla, who was entranced at a performance by Cuca recognised a universal soul in her voice, a universality that has little regard for language or frontiers. His invitation was immediate and his proposal was as simple as it was ambitious: to make sure that the planet knew the voice, artist and human being that is Cuca Roseta. More than a musical project, for Santaolalla it was almost a mission. And this was how this disc was born. During the recording the producer gave Cuca Roseta's voice the necessary time and space to transmit its authenticity. The result was a collection of songs ranging from classics like "Rua do Capelão" or "Marcha de Santo António" to musical innovations like "Porque Voltas De Que Lei" (words by Amália Rodrigues, the song was recorded as a collaboration with the tango star Cristóbal Repetto and Gustavo Santaolalla himself) or "Maré Viva" (a poem by Rosa Lobato Faria translated into Spanish). It was an authentic testament to a true vocation. An added bonus was finding a fado singer who wrote her own words, as was the case with "Homem Português" or "Nos Teus Braços". She had the perfect musical accompanists in Mário Pacheco on the Portuguese guitar,

Pedro Pinhal on the fado viola and Rodrigo Serrão on base. And overseeing everything, the extraordinary sensitivity of Gustavo Santaolalla, providing space and time and allowing Cuca's voice a free reign to express what she felt and show this to the world, because the soul is universal. Cuca Roseta knows that she followed her destiny and she was kind enough to share it with us, in a natural and genuine manner and with a perfect pitch.



VANESSA ALVES 7 de Outubro

Vanessa Alves é uma fadista da chamada "novíssima" geração, com apenas 25 anos de idade. Iniciou a sua carreira no circuito das casas de fado. Primeiro na Taverna do Embuçado, depois na Casa de Linhares e por fim no Sr. Vinho, a Casa de Fados de Maria da Fé, onde canta todas as noites desde 2006. Esta última um dos lugares mais emblemáticos da história da Canção de Lisboa, por onde passaram, fadistas como Mariza, Jorge Fernando, Ana Moura, Camané, Aldina Duarte, entre outros. O seu fado é definitivamente clássico, explorando um repertório tradicional tanto nas músicas como na essência das letras que interpreta e escreve.

VANESSA ALVES 7 October

Vanessa Alves is a fado singer who is part of the so-called "younger" generation and is just 25 years old. She began her career on the fado house circuit. She first sang at the Taverna do Embuçado, then at Casa de Linhares and finally at Sr. Vinho, the fado house run by Maria da Fé, where she has sung every night since 2006. This latter venue is one of the most emblematic in the history of fado in Lisbon and singers such as Mariza, Jorge Fernando, Ana Moura, Camané and Aldina Duarte, amongst others, have performed there too. Her fado is definitively classic, exploring a traditional repertoire both in terms of music as well as the essence of the words that she writes and sings.



O TEMPO, ESSE GRANDE ESCULTOR¹ TIME, THAT GREAT SCULPTOR¹

Ana Paula Jardim

Licenciada em Filosofia (apj.aletheia@gmail.com)

*Acordo. Tenho diante, atrás de mim, a noite eterna. Eu dormi milhões de idades; milhões de idades eu vou dormir... Só tenho uma hora. Havia de estragá-la com explicações e com máximas? Estendo-me ao Sol, sobre o travesseiro do prazer, numa manhã que não voltará mais.*²

Do tempo, esse grande escultor, fala a vida. Dos seus sinais gravados no nosso corpo, desenhados nos gestos, nos rostos envelhecidos, nas mãos que se tornam hesitantes. Do tempo falam os cabelos que se tingem de branco, os sulcos que se abrem na nossa pele e nas brechas que ficam na nossa alma. Os amores, as despedidas, as amizades, as traições, os regressos e as partidas, os encontros e os desencontros. O tempo suaviza-nos os ímpetos e as paixões, apazigua as diferenças, humedece os conflitos. Desbota as invejas, as torturas, a mesquinhez. Torna-nos mudos.

O tempo faz de nós esculturas vivas. Esculpe o nosso corpo, o mais belo, precioso e resplandecente de todos os objectos.⁴ É com ele e por ele que sofremos, que desejamos, que nos exprimimos, que vivemos. Território de todos os usos e de todas as representações. É nele que a vida se cumpre em movimento acelerado. Em contínua e perpétua mudança.

Do tempo falam os espelhos, nas imagens devolvidas que não reconhecemos. Por isso, inventámos a arte tentando imobilizar a vida e imortalizar o pensamento. Mas o mármore em que julgamos fixar uma forma efémera da existência ou a folha onde se eternizam as palavras retoma a cada instante o seu lugar na natureza, pela erosão, pelo devir, pela morte que se anuncia, pelas letras que se tornam ilegíveis. Há muitas maneiras de pensar e dizer a vida. Lemos muitos livros para a compreender. Inventamos nas palavras rotas, mapas para a percorrer. É no labirinto dos livros, das obras, das palavras, dos conceitos que procuramos o fio de Teseu para fugirmos ao Minotauro. Por vezes, deparamos com as asas de Ícaro que nos permitem sair voando. É a poesia.

Outras vezes, aproximamo-nos demasiado do Sol, esquecendo-nos de que é no tempo, a terra dos Homens, que a vida reencontra o chão que a alimenta. É o tempo que gasta os rostos com que no corpo se fazem os nossos encontros e desencontros com os outros: o rosto do sorriso, o rosto da tristeza, o rosto do cuidado ou o rosto do sofrimento. E também o rosto do amor ou da tolerância. Da amizade e da ternura ou da ira e da indiferença. O rosto misterioso da morte ou o rosto luminoso da esperança. Retratos escultóricos e fragmentários que alimentam a nossa humanidade.

Na verdade, tentamos disfarçar o tempo mascarando os seus sinais. Reinventando um corpo que se torna frágil e entorpecido. Tentando emprestar-lhe a frescura da juventude perdida. Retalhando e retocando o que o tempo vai estragando.

Mas ele volta, implacável, anunciado na morte inesperada de um amigo ou de alguém que conhecíamos, mas que já não víamos ou falávamos há muito tempo. Para nós os amigos são eternos! E o que fica na memória são as pequenas coisas: um sorriso, um gesto, um momento. Às vezes até um defeito! São estas pequenas coisas da nossa humanidade que constroem a eternidade. É por isso que “amar alguém não é simplesmente querer que ele viva, é também espantar-se que ele deixe de viver, como se morrer não fosse natural”.⁴

A vida é finita e precária. É canto de cisne e tem asas de cotovia. Fazamos dela uma eterna celebração, renovada e afirmada em cada dia. }

*I awake. I have before me, behind me, the eternal night. I have slept for a million ages; I will sleep for a million ages ... I only have an hour. Should I spoil it with explanations and maxims? I stretch out in the sun, on a pillow of pleasure, on a morning that will never return.*²

Life speaks of time, that great sculptor. As do the ravages of time engraved on our bodies, etched in our gestures, in our wizened faces, in our hands that begin to tremble. Our greying hair speaks of time, the wrinkles on our skin and the chinks in our souls. Loves, farewells, friendships, betrayals, departures and returns, encounters and missed encounters. Time softens our impetus and passions, smoothes over differences, eases conflicts. Triggers envy, torture, wretchedness. It makes us silent.

Time makes us living sculptures. It sculpts our bodies, the most beautiful, precious and resplendent of all things.³ It is through and with our bodies that we suffer, that we desire, that we express ourselves, that we live. The territory of all uses and all representations. It is in our bodies that life takes place at an accelerated pace. In a continuous and perpetual change. Mirrors speak of time, reflecting images that we do not recognise. Hence we invented art, in an attempt to immobilise life and immortalise thoughts. But the marble in which we believe we have captured an ephemeral form of existence or a page capturing words for posterity constantly reprise their place in nature, through erosion, through the passage of time, through a heralded death, through letters that become illegible.

There are many ways of contemplating and talking about life. We read many books in order to understand life. We invent routes and maps to traverse by means of words. We follow the trail of Theseus amidst the labyrinth of books, works, words and concepts to flee from the Minotaur. Sometimes we find wings like Icarus, which allow us to fly away. This is poetry. At other times we get too close to the sun, forgetting that it is amidst time and the land of men that life once again meets the earth that sustains it. It is time that wears away faces and bodies, responsible for our encounters and missed encounters with others: the face of joy, the face of sadness, the face of care or the face of suffering. As also the face of love or tolerance. Of friendship and tenderness or of ire and indifference. The mysterious face of death or the radiant face of hope. Sculpted and fragmentary portraits that nurture our humanity. In truth, we try to disguise the passage of time, masking its signs. Reinventing a body that becomes fragile and slow. Trying to confer upon it the freshness of a lost youth. Re-sculpting and retouching what time continuously ravages.

But time returns, implacably, heralded in the unexpected death of a friend or someone we once knew, but whom we hadn't seen or spoken to for a long time. For us friends are eternal! And what remains etched in our memories are the small things: a smile, a gesture, a moment. Sometimes even a flaw! These are the small things of our humanity that build eternity. This is why “loving someone does not just mean simply wanting that person to live, it is also being surprised when the person ceases to live, as though dying were not natural”.⁴ Life is finite and precarious. It is a swan song and has the wings of a lark. We eternally celebrate life, renewed and affirmed every day.

(...) *If it were not for the immense piety / of men who did not grow up, / who heard, saw, heard, / saw and did not understand, / those select masks, / an anthology of amazement, / flowers without a stalk, floating / in the tears of disenchantment / if it were not for the hunger and thirst / of this frail humanity, / I would bite my nails and fingers until they bled.*⁵



7 CASTELOS

Ainda não tinha comido nada e já não me apetecia sair dali. O dia de sol de inverno aquecia na perfeição a esplanada, aconchegada entre o arvoredado da Quinta dos Sete Castelos e parecia-me perfeito ficar por ali a gastar todo o ócio a que tinha direito. O restaurante, bar e jardim é um espaço verdadeiramente apelativo. O resto, bem o resto diz respeito ao palato e isso vamos tratar de seguida.

I hadn't yet eaten anything and already had no desire to ever leave the restaurant. The warm winter sun felt lovely sitting out in the esplanade, nestled amidst the greenery of the Quinta dos Sete Castelos estate and it felt like the perfect spot to indulge in every moment of languid leisure to which I was entitled. The restaurant, bar and garden are a truly delightful space. The rest of the experience dazzled my taste buds, as can be seen in the following pages.

CARLA ROCHA } *Texto . Text*

CARMO MONTANHA . 7 CASTELOS } *Fotografia . Photos*



¹ YOURCENAR, Marguerite. O Tempo, esse grande escultor. Tradução de Helena Vaz da Silva. Linda-a-Velha: Difel, Difusão Editorial, Lda. p. 23.
² YOURCENAR, Marguerite. O Tempo, esse grande escultor. Tradução de Helena Vaz da Silva. Linda-a-Velha: Difel, Difusão Editorial, Lda. p. 23.
³ BAUDRILLARD, Jean.
⁴ YOURCENAR, Marguerite. O Tempo, esse grande escultor. Tradução de Helena Vaz da Silva. Linda-a-Velha: Difel, Difusão Editorial, Lda. p. 22.
⁵ GEDEÃO, António. Obra Poética. Dez reis de esperança. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 2001. p. 72.
⁶ GEDEÃO, António. Obra Poética. Dez reis de esperança. Lisbon: Edições João Sá da Costa, 2001. p. 72.



Gonçalo, um dos cinco sócios deste espaço, já conhecia a quinta dos 7 Castelos de tempos idos. Lembra-se de por lá brincar quando era pequeno. Por isso, quando pensou em abrir um restaurante e querendo fazê-lo em Santo Amaro «acho que aqui fazia falta um espaço de restauração. Um ou mais porque nestas coisas a concorrência é salutar», ficou entusiasmado quando soube que havia a possibilidade de dar forma ao sonho na quinta que o viu crescer. Bem, a coisa não foi assim tão simples, até porque da área de restauração nem Gonçalo nem os restantes quatro elementos tinham experiência. Nada que os fizesse vacilar e por isso quiseram começar devagar, devagarinho. Este é talvez o motivo porque estando o restaurante 7 Castelos aberto desde Maio 2011, só agora passados quase 7 meses, começamos a ouvir falar dele. É agora o momento *tcham*, é agora que se sentem sedimentados para dar a conhecer ao mundo este espaço que, acreditem, é muito cool. Mais do que cool, que este lugar não permite que poupemos nos adjectivos, é um lugar onde a paz está instalada, o bucolismo vive e consegue-se, aqui, uma pausa no ritmo alucinante que levamos, nem que seja apenas para tomar um café.

Aberto das 10h00 às 00h00, o 7 Castelos funciona como bar/café, restaurante e jardim. As refeições são elaboradas com os melhores produtos nacionais. E falando em carne, o touro leva a melhor sobre as restantes carnes. Touro que cresce nos prados sem aditivos. Crescem à medida que a natureza permite. No peixe, como bom lusitanos que somos, o bacalhau no forno com broa é o must deste espaço. Se bem que o bacalhau rivaliza com o polvo, também este assado. Aliás, a cozinha tradicional portuguesa é a natureza

Gonçalo, one of the five partners who created this space, was already acquainted with the Quinta dos Sete Castelos estate in the past. He remembers going there to play when he was a child. That is why, when he thought of opening a restaurant and wanted to do so in Santo Amaro ("I thought a restaurant space was sorely needed here. One or more, because in such matters competition is always healthy"), he was enthused when he learnt that he could realise his dream inside the estate that had been such a familiar reference in his life. Well, things were actually not quite so simple, especially because neither Gonçalo nor any of his four partners had any experience in the restaurant sector. But that did not deter them and they decided to start slowly and keep things very low-key. This is perhaps the reason why even though the 7 Castelos Restaurant has been open since May 2011 it is only now, after almost 7 months, that we have begun to hear of it. This is their "ta-dah!" moment. It is only now that they feel sufficiently established to reveal this space to the world. The space is really cool. More than cool - since the space merits many superlatives - it is a place that radiates peace. Its bucolic ambience ensures a break from the frenetic pace of our everyday lives, even if it is only to drink some coffee.

Open from 10.00 to midnight, the 7 Castelos space functions as a bar/café, restaurant and garden. The meals are prepared with the finest national produce. Speaking of meat, the bull stands out amongst the choices on the menu. Free range bulls raised in fields with no additives. They grow just as nature intended them to grow.





In terms of fish, keeping in mind our Portuguese genes, the baked codfish with corn bread is a must. Although the octopus, likewise baked, proved to be worthy competition for the codfish. In fact, 7 Castelos specialises in traditional Portuguese cuisine. There are excellent options available for vegetarians, prepared with the best fresh vegetables. Then there is the wine. The wine list faithfully represents the various wine regions in Portugal but don't expect to see well-known names: "In Portugal there are many good producers of wine, good and little known producers where the price/quality ratio is far better than many of the well-known wines. We decided to specialise in these small producers", says Gonçalo, and hence there is no shortage of good wine and the prices don't make you want to run a mile. If you wish to visit just to feel the stress of urban life slip away, you can order a cup of tea or some coffee or juice and ideally sit in the enormous esplanade, where you are dwarfed by the ancient trees. I confess that the only thing I needed – and with it I would have to say that the space is the ideal spot to spend hours relaxing and enjoying good food – was a blanket to tuck around my legs. With a blanket and a recliner, accompanied by a steaming cup of tea, I think the only thing that could get me to move from there would be an industrial crane.

Bar, restaurante e jardim 7 Castelos

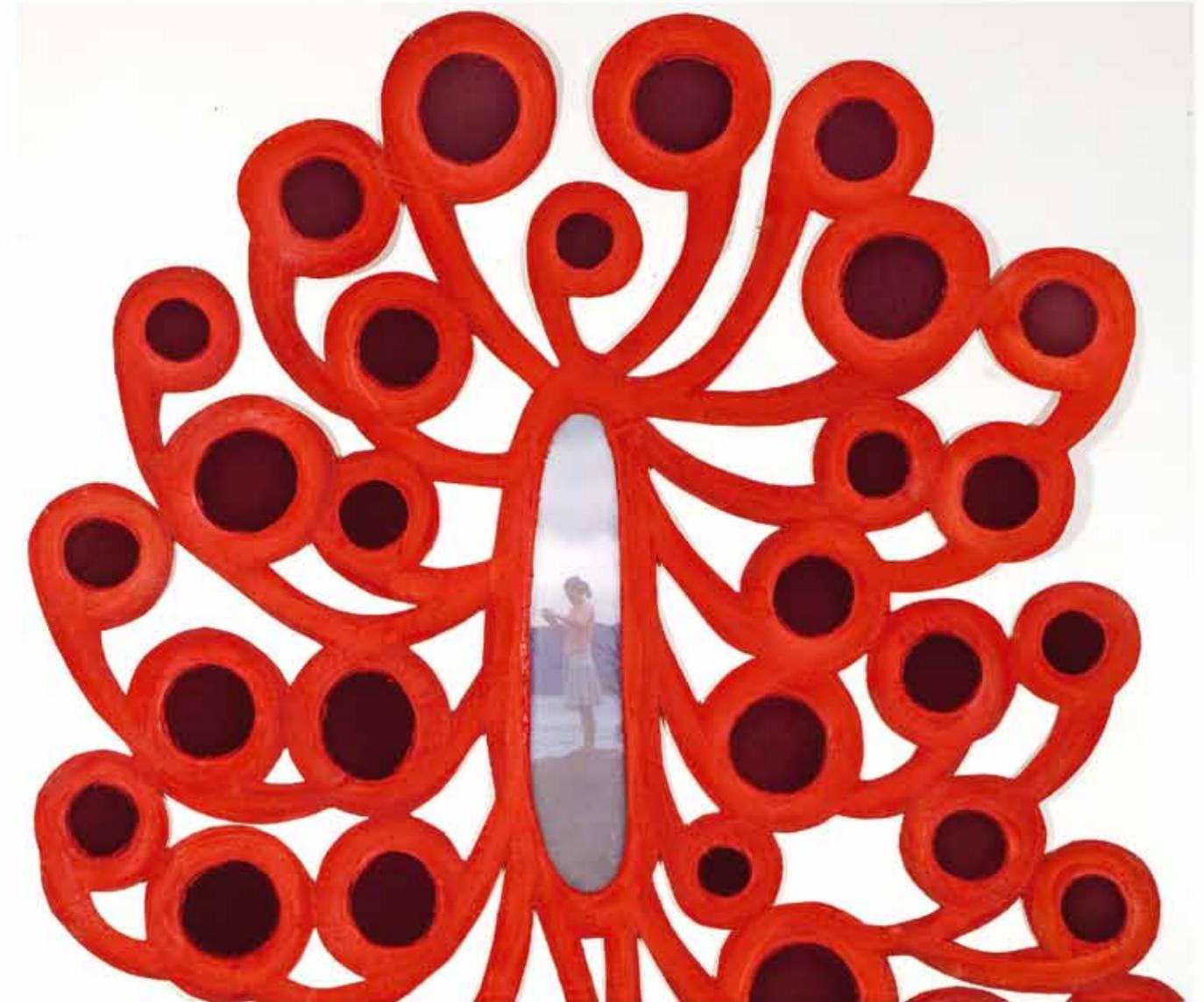
Bar, restaurant and garden 7 Castelos

Rua Francisco Franco, Santo Amaro
2780-321 Oeiras
tel: 214 697991

Terça a Sábado das 10h00 às 00h00 . Tuesday to Saturday from 10.00 to 00.00
Domingo das 10h00 às 19h00 . Sunday from 10.00 to 19.00

www.setecastelos.com

da cozinha dos 7 Castelos. Mesmo para os vegetarianos há boas sugestões elaboradas com os melhores e mais frescos legumes. Depois, o vinho. Aqui existe um fiel representante de várias zonas vitivinícolas deste país mas não esperem ver na carta os mais conhecidos: «há, em Portugal, bons produtores de vinhos, bons e desconhecidos onde a qualidade/preço é bem mais razoável que muitos dos vinhos mais conhecidos. Foi atrás desses pequenos produtores que fomos atrás», afirma Gonçalo, e por isso, bom vinho não falta, e o preço não faz pegar nas sapatilhas e pôr-se a andar. Depois, se quiser unicamente passar por aqui para sentir que a cidade foi para longe, pode fazê-lo só para um chá, ou um café ou um sumo e de preferência na esplanada enorme, onde os pés das árvores seculares nos fazem sentir minúsculos. Confesso que a única coisa que me fez falta ali e que com isso eu elegia o espaço como o lugar ideal para passar as minhas horas de lazer e degustação, era uma mantinha para colocar sobre as pernas. Com isso e uma espreguiçadeira na companhia de um chá, parece-me que só à força de um guindaste conseguia sair dali. }



ARTISTAS BRASILEIROS NA COLEÇÃO MANUEL DE BRITO

24 FEV 12
3 JUN 12

Leda Catunda, *Amorosa*, 2008, acrílico sobre voite, tela e veludo, 242 x 186 cm

PALÁCIO ANJOS ALGÉS

Oeiras
Marca o ritmo

CAMB
CENTRO DE ARTE MANUEL DE BRITO

